

BOLETIM AGROPECUÁRIO





Governador do Estado
Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural
Ricardo de Gouvêa

Presidente da Epagri
Edilene Steinwandter

Diretores

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesqueira

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reny Dorow



ISSN: 0100-8986 (impresso)
ISSN: 2674-9521 (on-line)

DOCUMENTOS Nº 299

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Gláucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Tabajara Marcondes



Florianópolis

2019

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Revisão técnica: Léo Teobaldo Kroth/Dilvan Luiz Ferrari – Epagri/Cepa

Colaboração:

Andressa Mariani Bee – Caçador (UGT 10)

Bruna Parente Porto – Florianópolis (UGT 7)

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Maurício E. Mafra – Ceasa/SC

Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Edição: novembro de 2019 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. Boletim Agropecuário. Novembro/2019. Florianópolis, 2019, 47p. (Epagri. Documentos, 299).

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em abril/2019 passou a integrar a série Documentos com numeração própria.

Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (on-line)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br//>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

Sumário

Grãos	7
Arroz	7
Feijão	10
Milho.....	13
Soja	17
Trigo.....	21
Hortaliças	24
Alho.....	24
Cebola.....	27
Pecuária	30
Avicultura.....	30
Bovinocultura	35
Suinocultura.....	39
Leite	45

Grãos

Arroz

Gláucia Padrão
Economista, Dr^a. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Preços ao produtor

O preço do arroz em casca ao produtor apresentou comportamento normal para o período do ano. No mês de outubro os preços médios catarinenses foram 0,49% maiores em relação ao mês de setembro, e nos primeiros 12 dias do mês de novembro a tendência é a permanência da estabilidade desses preços. Nesta época, a comercialização em fase final (cerca de 94% do arroz em casca comercializado) e início do período de entressafra, tendem a manter os preços elevados, pela redução da oferta interna do grão. Em outubro de 2019 os preços do arroz em casca em Santa Catarina fecharam em R\$43,48 (Figura 1). Comparativamente ao mesmo período de 2018, os preços catarinenses apresentam uma valorização de 3,04% em termos reais em outubro de 2019. Já no Rio Grande do Sul, os preços parciais da primeira semana de novembro foram de R\$46,43. Este preço está 1,09% maior que a média do mês de outubro para aquele estado. O excesso de chuvas naquele estado acabou atrapalhando o avanço do plantio e gera preocupações quanto à produtividade na safra 2019/20. Além das causas citadas acima para esta valorização dos preços, destaca-se que a safra 2018/19 resultou em produção menor do que a observada na safra 2017/18, em razão de problemas climáticos enfrentados pelos dois estados, o que elevou o patamar de preços desde o início da safra, comparativamente ao ano anterior.

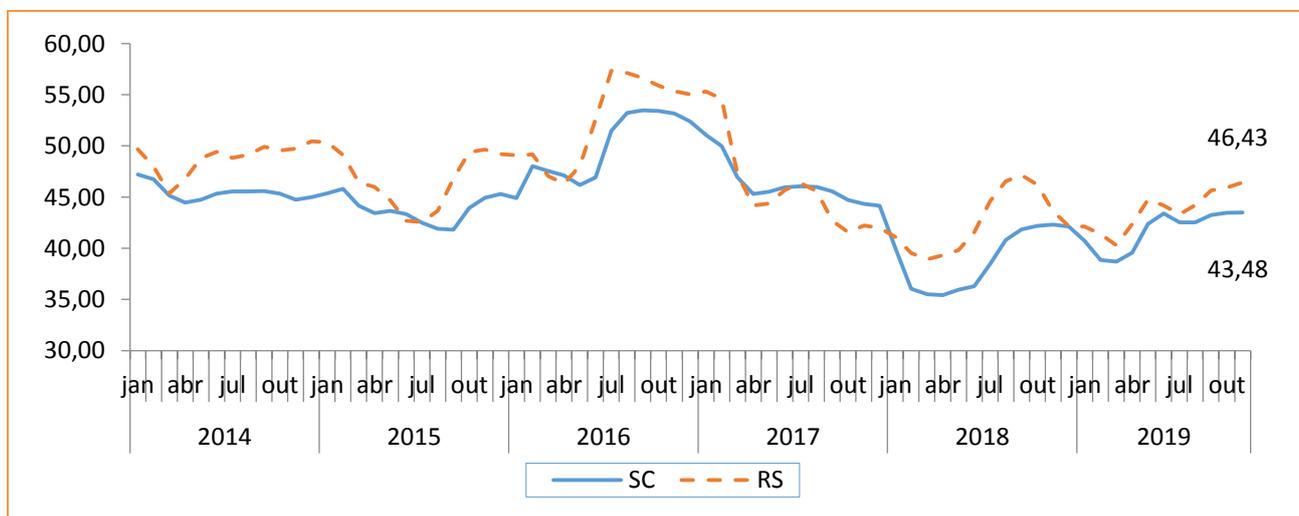


Figura 1. Arroz irrigado – Santa Catarina e Rio Grande do Sul: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (Jan./2014 a nov./2019) – R\$/sc 50kg

Fonte: Epagri/Cepa. e Cepea (RS).

Na Figura 2, onde são apresentados os preços mínimo, médio e máximo diário para Santa Catarina, observa-se que os produtores que ainda possuem estoque de seus produtos podem obter preços de até R\$45,00 o saco de 50 kg no estado. A produção obtida na safra 2018/19 conseguirá abastecer a indústria catarinense em cerca de 76% de sua capacidade, devendo o restante vir do Rio Grande do Sul, Paraná e países do Mercosul. Os preços permanecem estáveis em todas as regiões produtoras do estado.

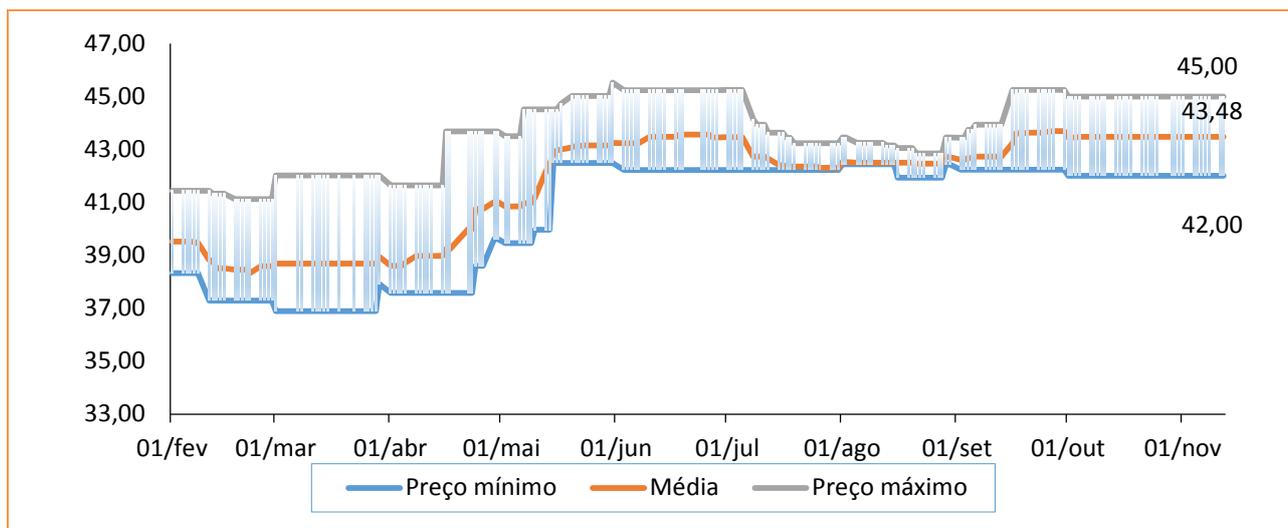


Figura 2. Arroz irrigado – Santa Catarina: evolução do preço diário real ao produtor – (jan. a nov./2019) – R\$/sc 50kg

Fonte: Epagri/Cepa.

Comparativo de safra

A safra 2018/19 encerrou apontando para uma redução na área plantada de arroz irrigado em Santa Catarina de 2,51%. Apesar da ocorrência de chuvas excessivas nas regiões produtoras, o que acabou atrasando a evolução da colheita, esta se encerrou no final do mês de maio. As informações finais resultaram em uma área de 143,4 mil hectares, produção de 1,104 milhões de toneladas (base casca) e produtividade média no estado de 7,7 toneladas por hectare. A estimativa atual da safra 2019/20 apontou para uma leve redução da área plantada que deverá ser de 143,04 mil hectares. A baixa produtividade obtida na safra 2018/19 em razão do excesso de calor ocorrido no período de floração deverá ser superada na safra 2019/20 fechando em 8.037 kg/ha, cerca de 4,3% maior.

Tabela 1. Arroz irrigado – Santa Catarina – comparativo safra 2018/19 e safra 2019/20

Microrregião	Safra 2018/19			Estimativa atual - Safra 2019/20			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.530	383.657	7.445	51.530	404.023	7.841	0,00	5,31	5,31
Blumenau	8.222	72.177	8.778	8.265	72.300	8.748	0,52	0,17	-0,34
Criciúma	20.813	148.564	7.138	20.813	160.909	7.731	0,00	8,31	8,31
Florianópolis	1.950	13.591	6.969	2.000	13.877	6.939	2,56	2,10	-0,44
Itajaí	9.196	74.573	8.109	9.216	77.556	8.415	0,22	4,00	3,78
Ituporanga	190	1.772	9.326	190	1.615	8.500	0,00	-8,86	-8,86
Joinville	18.225	149.657	8.212	18.151	153.736	8.470	-0,41	2,73	3,14
Rio do Sul	9.782	83.759	8.563	9.763	85.644	8.772	-0,19	2,25	2,44
Tabuleiro	120	976	8.131	120	1.020	8.500	0,00	4,51	4,54
Tijucas	2.490	17.819	7.156	2.410	18.045	7.488	-3,21	1,27	4,63
Tubarão	20.927	157.910	7.546	20.588	160.907	7.816	-1,62	1,90	3,57
Santa Catarina	143.445	1.104.454	7.699	143.046	1.149.632	8.037	-0,28	4,09	4,39

Fonte: Epagri/Cepa (Agosto/2019).

A Figura 3 apresenta o comparativo da evolução semanal do plantio do arroz irrigado em Santa Catarina e o mapa reflete os percentuais por microrregião. O plantio encontra-se em fase final, com cerca de 97% da área estimada plantada no estado. A região de Tijucas é aquela com menor percentual plantado, mas está dentro da normalidade. Apesar do período de aproximadamente três meses de estiagem, o plantio voltou ao seu ritmo normal e até o momento não há relatos de problemas de desenvolvimento nas plantas. Na região litoral norte o plantio, que tem início mais cedo, já foi finalizado e na região sul, maior região produtora, já deve ser finalizado na próxima semana.

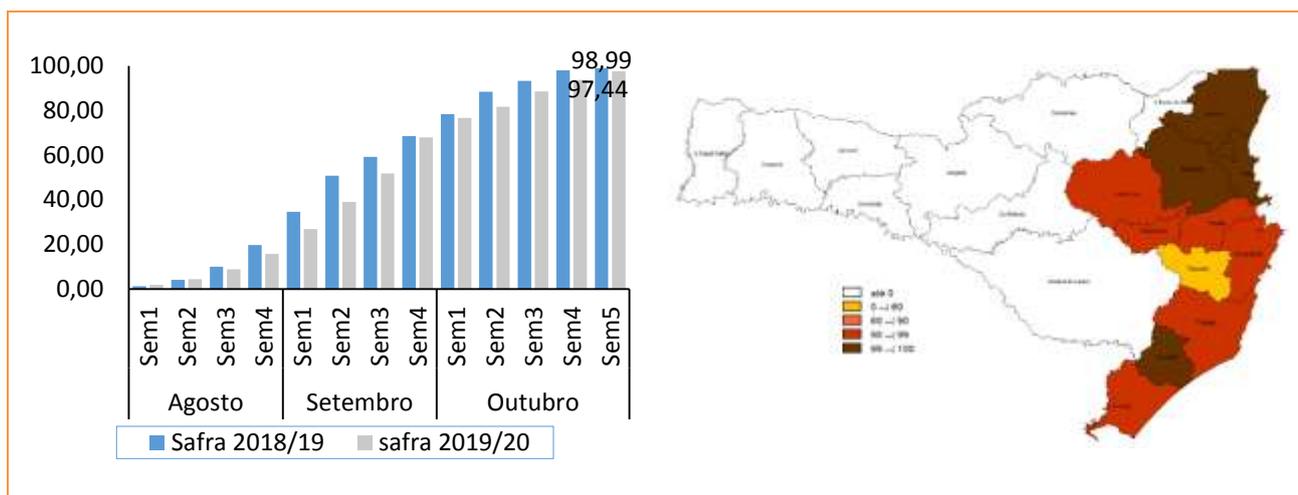


Figura 3. Arroz irrigado: Santa Catarina – comparação da evolução semanal do % de plantio, safra 2018/19 e 2019/20, julho a outubro

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Em Santa Catarina no mês de outubro, a saca de 60 quilos do feijão-carioca foi cotada a R\$115,87, ligeira baixa de 1,67%. O feijão que ainda encontra-se disponível para venda é da safra 2018/19, com isso a qualidade do produto já não atende aos padrões de mercados mais exigentes, sobretudo no que diz respeito à cor. Nos demais estados, onde a primeira safra do feijão-carioca é colhida mais cedo, os preços apresentaram altas significativas. No Paraná, Mato Grosso do Sul e Bahia, os produtores tiveram ganhos maiores, com alta nos preços médios mensais na ordem de 7,21%, 14,40% e 5,19%, respectivamente.

Tabela 1. Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor – Safra 2019/20 (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Out./19	Set./19	Variação mensal (%)	Out./18	Variação (%) Out./19 – Out./18
Santa Catarina	Feijão-carioca	115,87	117,84	-1,67	84,50	37,12
Paraná		148,77	138,77	7,21	95,25	56,19
Mato Grosso do Sul		168,07	146,92	14,40	95,83	75,38
Bahia		153,40	153,24	0,10	93,26	64,49
Goiás		162,16	154,16	5,19	96,16	68,64
Santa Catarina	Feijão-preto	123,21	122,42	0,65	132,28	-6,86
Paraná		121,35	118,20	2,66	125,54	-3,34
Rio Grande do Sul		135,34	128,61	5,23	135,85	-0,38

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (RS, BA, GO e MS). Novembro, 2019.

No mercado atacadista de São Paulo, no mês de outubro, o feijão-carioca apresentou comportamento firme, com elevação de preços na ordem de 9,6% para o carioca extra novo. Para o feijão-preto, o preço segue com comportamento nominal, não apresentando variação neste mês. Neste mês de novembro, o mercado segue ainda com resolução de oferta em função da produção paulista, contudo, o cenário é de falta de produto a partir de dezembro. A estiagem que assolou praticamente todas as regiões produtoras provocou atraso no plantio de feijão, e em alguns casos até desistência de plantio. Com isso, ao que tudo indica, teremos falta de produto para atender a demanda nacional.

Tabela 2. Feijão – Preço médio diário do feijão no mercado atacadista de São Paulo

Produto ⁽¹⁾	04/11/2019	10/10/2019	Variação (%)	Mercado ⁽²⁾
Feijão-carioca Extra Novo (9,5)	200,00	182,50	9,6	Firme
Feijão-carioca Extra (9,0)	192,50	180,00	6,9	Firme
Feijão-carioca Especial (8,5)	185,00	172,50	7,2	Firme
Feijão-preto Extra	160,00	160,00	0,0	Nominal
Feijão-preto Especial	142,50	142,50	0,0	Nominal

⁽¹⁾ feijão nacional, maquinado, saca 60kg, 15 dias, CIF/SP - ⁽²⁾ comportamento do mercado em 04/11/2019.

Nota 1: nominal - preço sem variação por falta ou excesso do produto.

Nota 2: firme - preço em alta e com procura acentuada do produto.

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP). Novembro, 2019.

Normalmente, entre janeiro e maio de cada ano, a cotação da saca de feijão tem elevações significativas. É nesse período que as compras do mercado atacadista se intensificam, quando coincide com o encerramento das férias escolares e os consumidores voltam às suas rotinas de compras. Também é nesse período que o mercado varejista promove ajustes nos preços ao consumidor. Esse movimento de mercado normalmente traz reflexos positivos nos preços recebidos pelos produtores. Os picos de preços observados ao longo da série geralmente estão associados a problemas de abastecimento. A ocorrência de eventos climáticos adversos e/ou a incidência de doenças e pragas, são dois fatores que interferem significativamente na maior ou menor oferta de produto.

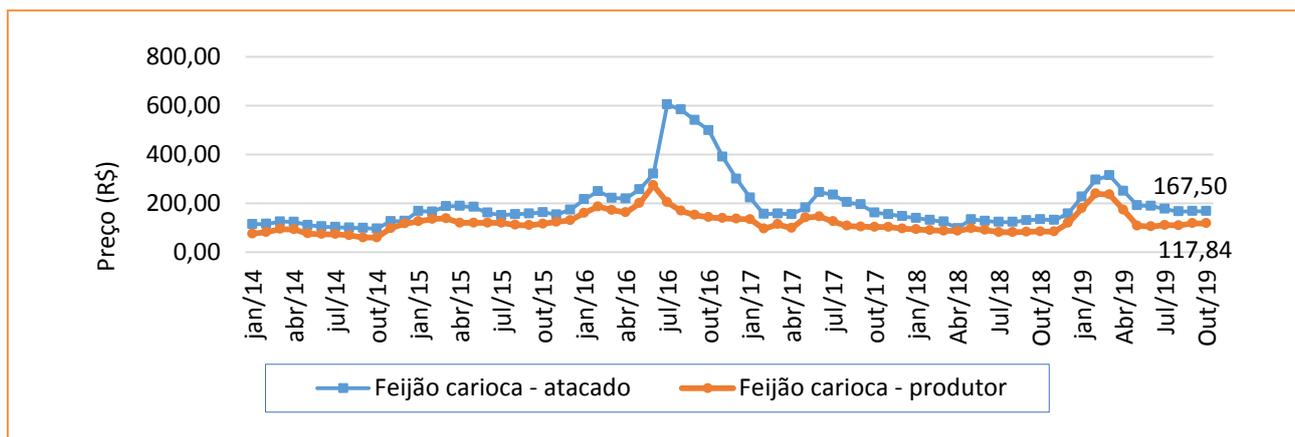


Figura 1. Feijão – Santa Catarina : evolução mensal do preço do feijão-carioca – produtor e atacadado – 01/2014 a 10/2019

Fonte: Epagri/Cepa.

Nos dez primeiros meses de 2019, o Brasil já importou 131.667 mil toneladas de feijão, esse número representa um aumento de 87% em relação ao que foi importado no mesmo período do anos passado, quando o país comprou do mercado externo 70.106 mil toneladas. Desse total, a Argentina se destaca como o principal fornecedor. Nesse dez primeiros meses do ano, ela foi responsável por 88,36% de nossas importações de feijão, no mesmo período, em 2018 foram 77,21%.

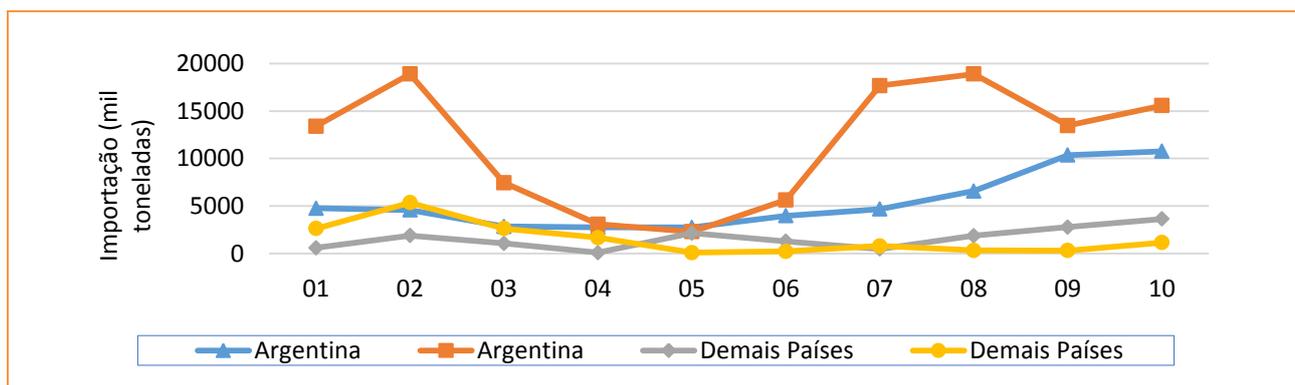


Figura 2. Feijão – Brasil: evolução mensal das importações de feijão – 01 a 10/2018 e 01 a 10/2019

Fonte: MIDIC/Secex.

Safra

Em outubro atualizamos nossas estimativas da safra 2019/20 para a cultura do feijão. Com a volta das chuvas, a situação no campo se normalizou, com boa umidade no solo, as operações de preparo de solo e

plântio se intensificaram significativamente nas últimas semanas. Até o momento em todo estado, já foram plantados cerca de 50% dos 35 mil hectares previstos, sendo que cerca de 2% já alcançou a fase de florescimento. A estimativa atual é de uma redução da área plantada de 1%, mas com um aumento de 10% no rendimento médio. É esperado uma produção total de aproximadamente 68,7 mil toneladas de feijão 1ª safra.

Em relação à situação das lavouras, na região do Planalto Norte do estado, com um regime de chuvas bem distribuída, as condições das lavouras melhoram em todos os aspectos (germinação, desenvolvimento vegetativo e fitossanitário). No Extremo Oeste, a volta das chuvas contribuiu para a implantação da cultura, assim como não há registros de perdas em função de chuvas, ventos e outros fenômenos naturais, com o desenvolvimento das lavouras dentro das expectativas dos produtores. Nas regiões mais altas frias do estado, como Campos de Lages e Campos Novos, as chuvas tem retardado a colheita das safras de inverno (trigo, aveia, cevada), o que faz com que a oferta de áreas para a cultura do feijão ainda seja pequena. Assim, nessa região a intenção de plântio está indefinida, principalmente pela baixa procura por sementes por parte dos produtores.

Na região Litoral Sul do estado, a estiagem havia prejudicado a implantação das lavouras de feijão, sobretudo para aquelas situadas em terrenos mais altos e/ou mais arenosos. Entretanto, nas últimas semanas a chuva retornou em boa quantidade, propiciando às lavouras desenvolverem-se de forma satisfatória, sendo que as primeiras áreas plantadas já entraram no estágio da floração. Em algumas áreas cultivadas nos municípios de Armazém, Garopaba, Gravatal e São Martinho tivemos a ocorrência de granizo, porém de baixa intensidade, não causando maiores prejuízos.

Tabela 3. Feijão 1ª – Comparativo de safra 2018/19 e 2019/20

Microrregião	Safra 2018/19			Estimativa atual – Safra 2019/20			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	74	73	982	54	54	998	-27	-26	2
Blumenau	92	104	1.130						
Campos de Lages	7.810	15.173	1.943	7.877	14.992	1.903	1	-1	-2
Canoinhas	5.550	9.299	1.675	6.180	13.644	2.208	11	47	32
Chapecó	2.061	3.535	1.715	1.971	4.397	2.231	-4	24	30
Concórdia	420	657	1.564	420	680	1.619	0	4	4
Criciúma	533	628	1.178	675	808	1.196	27	29	2
Curitibanos	5.380	10.326	1.919	4.780	9.264	1.938	-11	-10	1
Florianópolis	31	40	1.274	12	7	542	-61	-84	-57
Ituporanga	980	1.927	1.966	945	2.061	2.181	-4	7	11
Joaçaba	2.417	3.274	1.355	2.369	4.037	1.704	-2	23	26
Joinville	22	22	1.000						
Rio do Sul	603	961	1.593	529	906	1.713	-12	-6	8
São Bento do Sul	680	966	1.421	600	1.200	2.000	-12	24	41
São M. do Oeste	1.199	2.303	1.921	849	1.743	2.053	-29	-24	7
Tabuleiro	463	812	1.754	376	475	1.264	-19	-41	-28
Tijucas	170	199	1.171	166	178	1.069	-2	-11	-9
Tubarão	973	1.305	1.342	773	1.045	1.352	-21	-20	1
Xanxerê	5.868	11.125	1.896	6.523	13.258	2.032	11	19	7
Santa Catarina	35.326	62.728	1.776	35.099	68.747	1.959	-1	10	10

Fonte: Epagri/Cepa. Outubro, 2019.

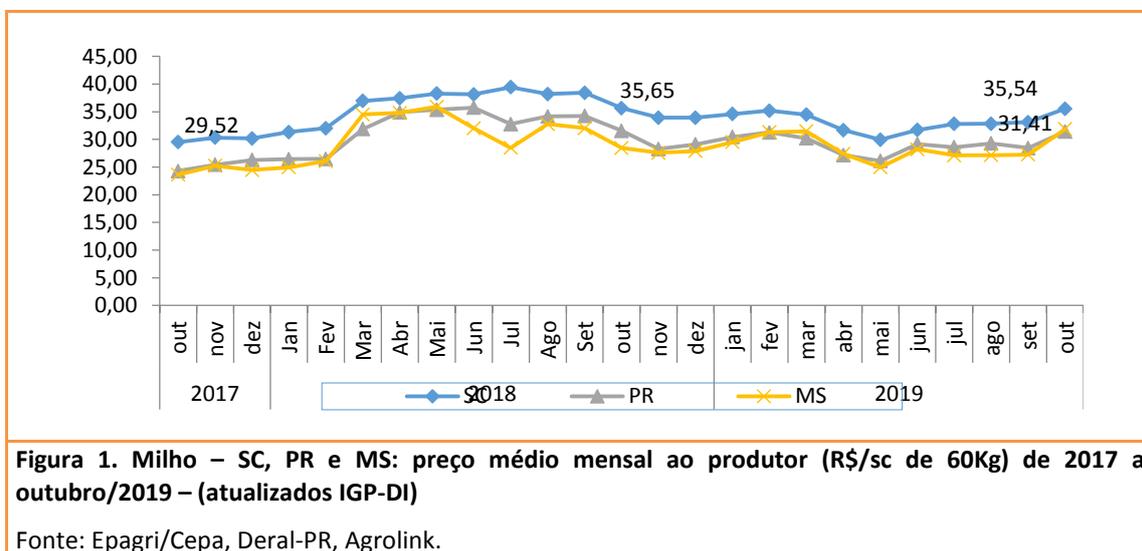
Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Na média mensal, em outubro o preço do milho em SC foi de R\$35,54/sc de 60kg, 7,3% superior ao mês anterior. Já em relação ao mesmo mês da safra passada os preços se equivalem, em termos reais (Figura 1). No MS e PR, os preços apresentaram reação, em média de 14% superior aos preços de setembro, com menor influência do mercado externo. No período, os preços refletem alguns fatores:

- Com o início da colheita, as estimativas da produção americana para a safra em curso está se confirmando inferior à última¹. O USDA reporta no relatório de outubro uma produção de 350 milhões de toneladas, contra 366 milhões da safra 2018/19. Este fato impacta os preços no mercado internacional;
- Aumento significativo das exportações brasileiras de milho, que no acumulado até outubro superam 34 milhões de toneladas. No câmbio, o dólar acima de R\$4,00 é o fator que favorece as exportações;
- Mercado com foco no clima no Brasil. Estiagem em alguns estados causou atraso no plantio de soja, podendo repercutir na segunda safra (principal) de milho em 2020 no Brasil, a janela de colheita e plantio ficam curtas, estando sujeita a riscos climáticos;
- A demanda interna por milho deverá se elevar em função das maiores exportações de carnes pelo Brasil, em especial para a China.
- Com isso, os preços se mantêm fortalecidos, com tendência de elevação até a entrada da nova safra, em final de janeiro/2020.



Preços regionais

Os preços praticados nas diferentes praças no Estado apresentam diferenciação em alguns períodos (Gráfico 2). Nas praças de Rio do Sul e Sul Catarinense, os preços médios no período

¹ World Agricultural Production. <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/production.pdf>

2018/19 foram de R\$34,18 e R\$33,47, respectivamente. Por outro lado, a praça de Canoinhas apresentou preço médio de R\$32,80/sc no mesmo período. O diferencial é basicamente em função do frete, algumas regiões têm dificuldades de frete de retorno, além da maior distância das regiões produtoras. A região sul do Estado é abastecida parte de seu consumo de milho para as agroindústrias com o cereal produzido no Norte do estado no primeiro semestre. No segundo semestre o principal fornecedor é a região centro Oeste do Brasil. O déficit catarinense de milho é superior a quatro milhões anualmente.

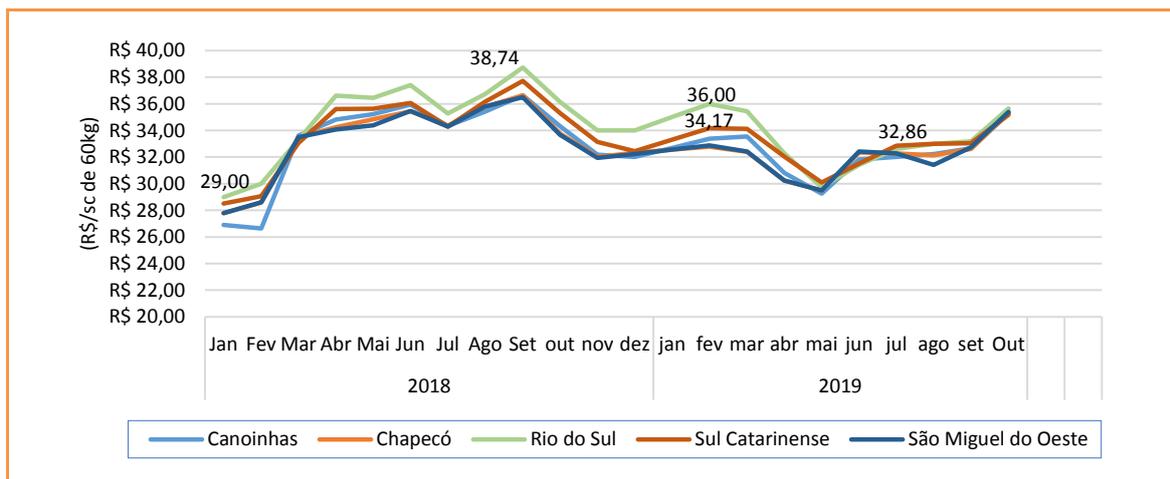


Figura 2. Milho – Preços ao produtor nas diferentes praças em Santa Catarina: preço médio mensal ao produtor (R\$/sc de 60Kg) de 2018 a outubro/2019 – (preço nominal)

Fonte: Epagri/Cepa.

Safra 2019/20

A segunda estimativa para safra 2019/20 apresenta área de 328.049 hectares na primeira safra (Tabela 1) e 16.239 hectares na segunda safra (área da safra anterior). A produtividade aponta recuo de 0,6% em relação à safra 2018/19. Na safra anterior (2018/19) foram registradas produtividades superiores a 10.500 kg/ha nas regiões de Curitibanos/Campos Novos e Xanxerê/Abelardo Luz (Tabela 1). As estimativas de rendimento nestas regiões foram mantidas neste relatório, mesmo que as condições climáticas iniciais da atual safra² nos remetam para condições de precipitação irregulares. Os menores rendimentos estão registrados para as regiões do litoral, que, de Joinville a Araranguá, totalizam 13,7 mil hectares, representando 4,2% da área total cultivada na primeira safra no estado, com a finalidade principal para abastecimento regional. A expectativa é que a produção do estado fique em 2,8 milhões de toneladas na safra 2019/20. As regiões que apresentaram maior variação positiva foram Curitibanos, Criciúma e Joinville. Em termos absolutos, Canoinhas apresenta uma redução significativa de 2.660 hectares, pela ampliação da área com soja.

² Durante o trimestre, os episódios de precipitação normalmente ocorrem associados à passagem de frentes frias pelo litoral e influência dos Sistemas Convectivos de Mesoescala (SCM) que provocam chuvas mais intensas em SC, sobretudo no Oeste e Meio Oeste. Em novembro, dezembro e janeiro diminui a condição favorável aos ciclones extratropicais no litoral Sul do Brasil (Epagri/Ciram).

Tabela 1. Milho – Estimativa atual da safra 2019/20 e comparativo safra 2018/19 em Santa Catarina

Microrregião	Área plantada (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	7.734	52.476	6.785	7.724	51.564	6.676	-0,1	-1,7	-1,6
Blumenau	1.911	8.761	4.585	1.890	8.785	4.648	-1,1	0,3	1,4
Campos de Lages	32.300	258.140	7.992	32.717	258.090	7.889	1,3	0,0	-1,3
Canoinhas	29.300	254.032	8.670	29.900	281.840	9.426	2,0	10,9	8,7
Chapecô	46.291	395.220	8.538	45.086	381.826	8.469	-2,6	-3,4	-0,8
Concórdia	23.650	174.831	7.392	23.650	172.411	7.290	0,0	-1,4	-1,4
Criciúma	6.674	46.124	6.911	7.060	48.753	6.906	5,8	5,7	-0,1
Curitibanos	24.335	258.392	10.618	25.835	263.982	10.218	6,2	2,2	-3,8
Florianópolis	93	434	4.667	11	35	3.182	-88,2	-91,9	-31,8
Ituporanga	10.980	77.766	7.083	10.430	74.988	7.190	-5,0	-3,6	1,5
Joaçaba	57.425	527.732	9.190	57.895	499.638	8.630	0,8	-5,3	-6,1
Joinville	410	2.057	5.016	460	2.344	5.096	12,2	14,0	1,6
Rio do Sul	20.165	138.239	6.855	19.000	131.196	6.905	-5,8	-5,1	0,7
São Bento do Sul	4.100	32.650	7.963	3.600	31.350	8.708	-12,2	-4,0	9,4
São Miguel do Oeste	31.853	255.744	8.029	31.464	261.627	8.315	-1,2	2,3	3,6
Tabuleiro	2.975	16.972	5.705	2.381	15.310	6.430	-20,0	-9,8	12,7
Tijucas	1.735	9.100	5.245	1.680	8.420	5.012	-3,2	-7,5	-4,4
Tubarão	5.065	31.705	6.260	4.976	31.212	6.272	-1,8	-1,6	0,2
Xanxerê	22.990	251.372	10.934	22.290	241.942	10.854	-3,0	-3,8	-0,7
Santa Catarina	329.986	2.791.747	8.460	328.049	2.765.314	8.430	-0,6	-0,9	-0,4

Fonte: Epagri/Cepa.

A evolução do plantio 2019/20

A atual safra está iniciando com plantio antecipado em relação à anterior. Na primeira semana de novembro, 89% da área no Estado já havia sido semeada. O plantio teve início em agosto, onde foram observadas algumas áreas semeadas, em especial localizadas no vale do Rio Uruguai e litoral, com altitude inferior a 500 metros. Algumas regiões, com altitude mais elevada, ainda estão com plantio sendo realizados. Na região de Lages em torno de 46% da área foi semeada até a primeira semana de novembro. A maioria das regiões já estão finalizando plantio, em especial no Oeste. Nestas regiões já inicia a fase de florescimento, em torno de 5-10% das lavouras.

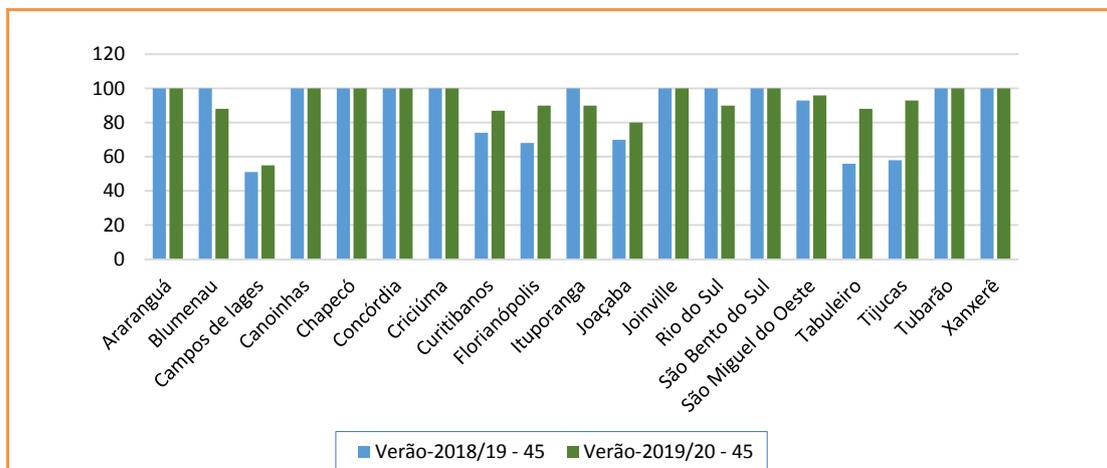


Figura 3. Milho – Evolução do % de plantio, comparativo safras 2018/19 e 2019/20, até primeira semana de novembro

Fonte: Epagri/Cepa. 2019.

Reunião sobre a Rota do Milho em Chapecó – 11 e 12 de novembro 2019

Tema considerado importante para a manutenção e crescimento do agronegócio catarinense, a chamada Rota do Milho aconteceu em Chapecó nos dias 11 e 12 de novembro, *durante I Fórum Internacional Agro Sem Fronteiras*. A construção de uma alternativa para atender a elevada demanda do mercado catarinense por milho é o foco da Frente Parlamentar – ALESC³ em Favor da Rota do milho, que poderá vir do Paraguai, em especial. Atualmente, Santa Catarina registra um déficit anual que de até 3,6 milhões de toneladas do grão (Epagri/Cepa), sobretudo devido a sua utilização para a alimentação de aves, suínos e crescente demanda do gado leiteiro. O estado deve encontrar alternativas para o suprimento de milho, uma vez que o Paraná, um dos principais fornecedores teve uma forte expansão da produção de suínos e aves/agroindústrias de produção de proteína animal nos últimos anos, sendo que, o consumo interno naquele estado está aumentando significativamente, com poucos excedentes nos próximos anos. Com a rota de milho vindo do Paraguai, poderá reduzir o valor de frete, uma vez que, do Mato Grosso a distância supera 1.000 Km, enquanto o produto vindo do sul do Paraguai representa em torno de 500 Km, reduzindo pela metade o valor do frete. Há necessidade de superar algumas barreiras para a rota virar realidade, *“como a questão das estradas no Paraguai, que estão sendo asfaltadas, a burocracia e a infraestrutura para a passagem pelo território argentino e, em Santa Catarina, a questão da aduana de Dionísio Cerqueira e a melhoria de rodovias importantes como as BRs 163 e 282”* (relato Dep. Marcos Vieira. Coord. da frente durante o evento). No entanto, esta deve ser entendida como uma das alternativas. O apoio contínuo à elevação da produtividade da produção Catarinense e o fomento à produção de cereais de inverno devem ser consideradas como estratégia importantes para reduzir a dependência do cereal de outras regiões.

Produção nacional

Milho primeira safra⁴: crescimento de 0,9% na área semeada, totalizando 4,1 milhões de hectares, e produção estimada em 26,3 milhões de toneladas, 2,4% superior a 2018/19. Neste primeiro momento, a destinação de área é maior para o plantio de soja e, a partir de janeiro, após a colheita da leguminosa, intensifica-se a semeadura do milho, considerado como segunda safra, e que atualmente representa mais de 70% da produção total de milho no país.

³ http://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/gabinetes_single/rota-do-milho-ganha-apoio-institucional-da-assembly-legislativa.

⁴ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 7 - Safra 2019/20 n.2 - Segundo levantamento, novembro 2019.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em Santa Catarina, os preços apresentaram nova reação em outubro, 2,1% superior em relação ao mês anterior e, frente ao mesmo mês da safra passada, registrou retração de 2,7% em termos reais. No Paraná e Mato Grosso o comportamento foi semelhante. Os fatores que influenciaram os preços em outubro e início de novembro foram:

- A produção de soja dos EUA foi projetada em 96,6 milhões de toneladas⁵, volume 19% menor que safra anterior, reflexo da menor área plantada e, principalmente, da menor produtividade. Isto representa em termos absolutos mais de 23 milhões de toneladas;
- O dólar valorizado (acima de R\$4,00) garante sustentação dos preços nacionais em outubro e novembro, período que se abre uma janela relativamente favorável para comercialização no mercado físico, no entanto poucos produtores ainda possuem soja disponível;
- A expectativa é sobre a dimensão da ocorrência peste suína na China e continente asiático, reflete na diminuição das importações de soja pela China, no entanto, a quebra da produção americana de certa forma compensa o balanço entre oferta e demanda do produto no mercado internacional;
- Outro fator que deixa os produtores apreensivos é a oscilação do dólar, que reflete a crise política em alguns países na América Latina. Se por um lado o dólar favorece os preços das commodities, por outro eleva os preços dos insumos, em especial dos fertilizantes.

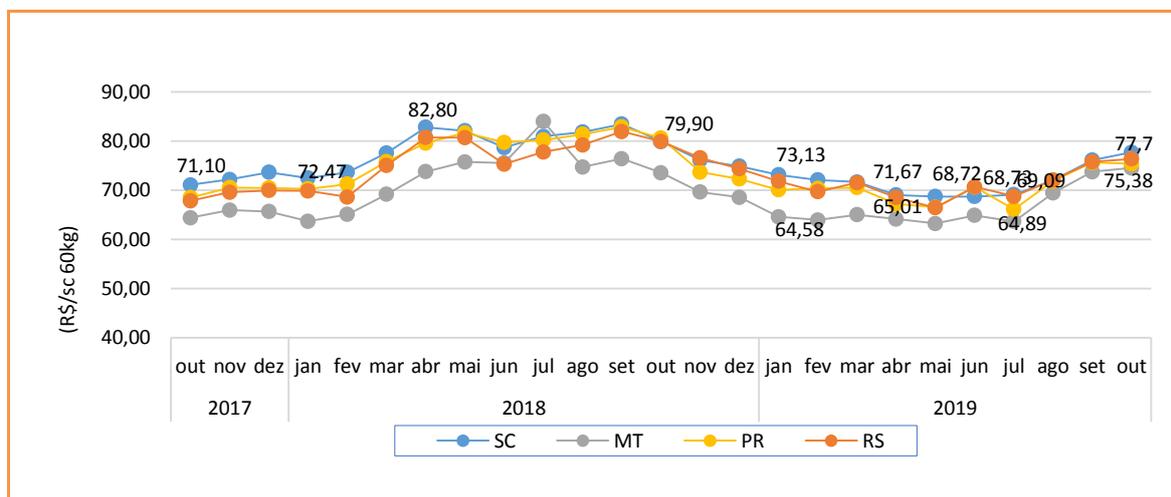


Figura 1. Soja em grão: preço médio mensal ao produtor – Paraná, Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Santa Catarina – outubro/2017 a outubro/2019

Fonte: Epagri/Cepa. Deral – PR e Agrolink (MT).

⁵ USDA. 6º levantamento. Outubro 2019.

Acompanhamento SAFRA 2019/20

A estimativa inicial para safra 2019/2020 apresenta um aumento da área em 2,68% em relação à safra 2018/19. Assim, teremos a estimativa de área cultivada de 688.294 contra 670.330 hectares da safra 2018/19. As regiões que devem apresentar aumento de área são: Canoinhas, São Bento do Sul, Ituporanga e Rio do Sul. As regiões de Araranguá e Tubarão registram cultivos nesta safra. A região de Criciúma apresenta um aumento significativo de área, com mais de 4 mil hectares. O cultivo da soja no sul do Estado avança sobre áreas antes ocupadas com feijão, milho e até arroz em menor escala. As produtividades oscilam entre 3.000kg/ha a 4.146kg/ha. A região de Curitibanos/Campos Novos registram os maiores rendimentos. O cultivo de soja para produção de sementes nesta região é expressivo, o que explica os bons rendimentos registrados. Estima-se que nas regiões Oeste e Extremo Oeste, em especial no Vale do Rio Uruguai, existam mais de 30 mil hectares de cultivo de soja segunda safra em sucessão ao milho grão e silagem. As produtividades menores nestas regiões, em parte é explicado pelo cultivo da soja em segunda safra, cujo rendimento é menor do que o plantio na safra de verão. A produção total esperada é de 2,48 milhões de toneladas, 5,32% superior a safra anterior.

Tabela 1. Soja – Comparativo entre as safras 2018/19 e 2019/20

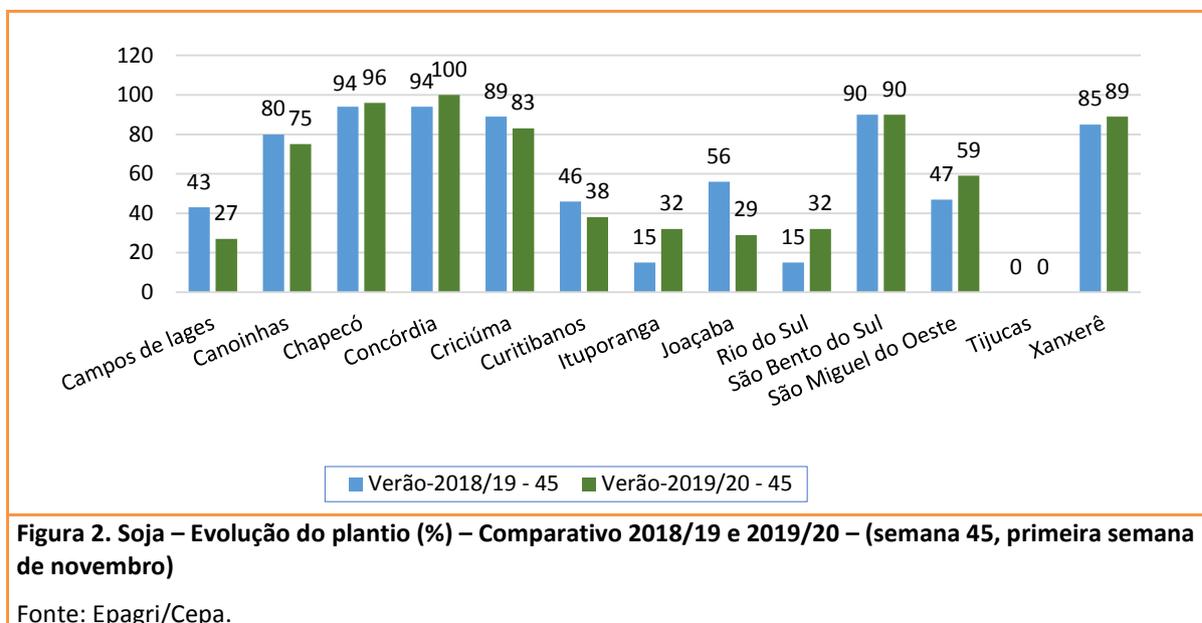
MRG				Safras 2019/20			Variação %		
	Área (ha)	Quantidade (t)	Produt. (kg/ha)	Área (ha)	Quantidade (t)	Produt. (kg/ha)	Área	Quant.	Produt.
Araranguá	--	--	--	530	1.696	3.200			
C. de Lages	59.440	215.053	3.618	62.490	226.582	3.626	5,13	5,36	0,22
Canoinhas	126.000	429.350	3.408	135.500	508.220	3.751	7,54	18,37	10,06
Chapecó	92.300	275.985	2.990	94.810	299.508	3.159	2,72	8,52	5,65
Concórdia	6.575	23.537	3.580	6.552	23.738	3.623	-0,35	0,85	1,20
Criciúma	1.938	6.977	3.600	4.260	14.988	3.518	119,81	114,82	-2,27
Curitibanos	109.630	443.033	4.041	109.630	454.497	4.146	0,00	2,59	2,59
Ituporanga	7.220	29.352	4.065	7.910	31.251	3.951	9,56	6,47	-2,81
Joaçaba	61.150	222.201	3.634	59.830	227.307	3.799	-2,16	2,30	4,55
Rio do Sul	5.020	19.476	3.880	5.345	20.289	3.796	6,47	4,17	-2,17
S. B. do Sul	10.200	32.960	3.231	11.100	37.080	3.341	8,82	12,50	3,39
S. M. Oeste	41.277	137.847	3.340	39.807	134.962	3.390	-3,56	-2,09	1,51
Tubarão	--	--	--	400	1.280	3.200			
Xanxerê	149.580	518.382	3.466	150.130	497.983	3.317	0,37	-3,94	-4,30
Santa Catarina	670.330	2.354.153	3.512	688.294	2.479.382	3.602	2,68	5,32	2,57

Fonte: Epagri/Cepa.

Acompanhamento Safra – evolução do plantio

- Os plantios dos campos de produção de soja se encontram mais avançados na Região Oeste – Chapecó, Concórdia e Xanxerê, onde cerca de 90% da área foi semeada até primeira semana de novembro.
- Nas regiões Curitibanos e Canoinhas, após a colheita do trigo, a semeadura da soja avança nestas áreas.
- Na região de Campos de Lages, a falta de chuvas em outubro e agora as chuvas contínuas nas últimas semanas estão provocando atraso no plantio (Tabela 2).

- Em algumas áreas o atraso no plantio poderá inviabilizar a segunda safra, no entanto, para milho silagem ainda será possível os dois cultivos.
- Até a primeira semana de novembro 65% da área estimada do estado já estava semeada.



Safra nacional

Soja: a cultura vem mantendo a tendência de crescimento na área cultivada e, nesta safra, a estimativa aponta para crescimento de 2,3% em relação ao ciclo passado, produzindo 120,9 milhões de toneladas⁶. Caso se confirme este prognóstico, o Brasil deverá assumir a primeira posição mundial na produção da oleaginosa, ultrapassando os Estados Unidos.

Exportações de soja – Santa Catarina

As exportações de soja por Santa Catarina tem evoluído consideravelmente nos últimos 10 anos. Em 2010 foram exportados pelo estado 469 mil toneladas, alcançando o patamar de 2,42 milhões de toneladas em 2018. Cabe ressaltar que, neste ano o volume alcançou próximo ao montante da produção estadual. Ressalta-se que, a indústria processadora de soja de Santa Catarina compra a matéria prima em outros estados, processa aqui e exporta, óleo e derivados. No ano corrente estamos alcançando 1,6 milhões de toneladas até outubro, justificada pela redução da produção nacional. Em termos do valor por tonelada, observamos uma redução nas cotações do produto soja ao longo dos anos, desde 2015. Quando se observa a evolução das commodities internacionais por grupos, é possível ver a magnitude do crescimento dos preços do início da década de 2000 até 2014. Um fato que ilustra este comportamento são os volumes de vendas externas de soja em 2014 e 2018. O volume exportado em 2018 é 40% superior em relação à 2014, no entanto, o valor FOB obtido supera somente 9% no comparativo 2014/2018 (Figura 3). Isto

⁶ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 7 - Safra 2019/20 n.2 - Segundo levantamento, novembro 2019

aconteceu para diversas commodities, onde a partir de 2015 ocorreu perda elevada de valor de vários produtos no mercado internacional⁷. O preço da tonelada da soja teve uma redução média superior a 25% após 2015. No entanto, em termos de volume há um crescimento nos anos seguintes, uma vez que a China amplia sua demanda a cada ano.

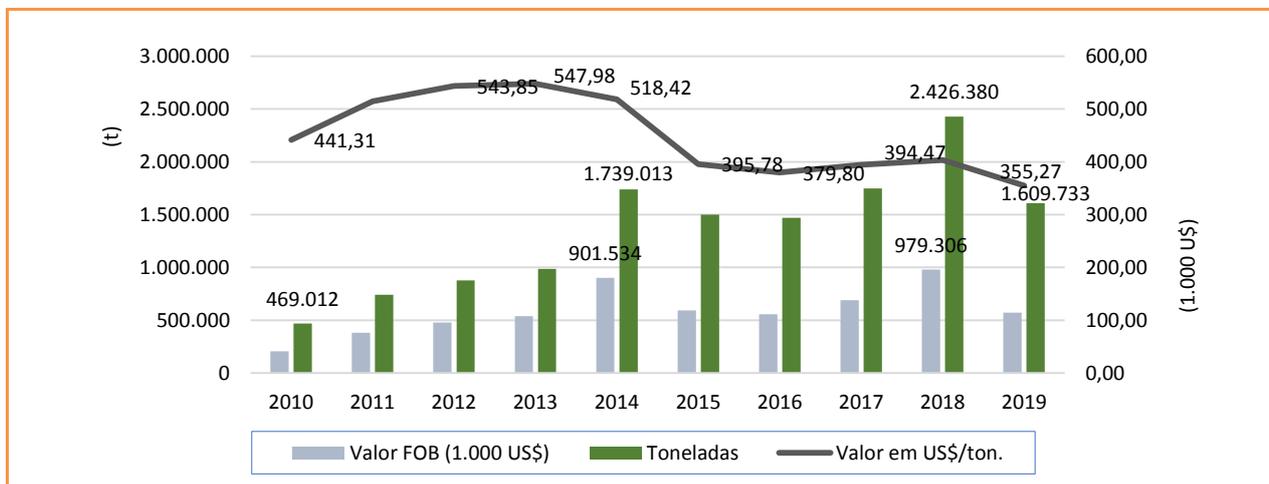


Figura 3. Soja – Santa Catarina: evolução das exportações do complexo soja – 2010 a out./2019

Fonte: MDIC-SECEX. Elaboração Epagri/Cepa.

⁷ O fim do superciclo das commodities internacionais e seus reflexos na economia brasileira, Conjuntura Internacional • Belo Horizonte, ISSN 1809-6182, v.13 n.1, p.36 - 43, nov. 2016

Trigo

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
 joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Os preços do trigo recuaram no mês de outubro. Os produtores catarinenses que receberam em média R\$43,41/saca de 60kg no mês passado, passaram a receber R\$42,31, o que representa uma baixa de 2,53%. Em comparação ao mesmo período do ano passado, os produtores estão recebendo 6% a mais do que recebiam há um ano. Nos demais estados produtores as cotações do trigo pago aos produtores também caíram. O que se observou foi uma oferta excessiva de produto, originária principalmente do mercado gaúcho e produto remanescente da safra 2018/19.

É importante observar que o preço mínimo para o trigo em grão com PH 78, tipo 1 (pão), safra 2019/20 para a região Sul do Brasil é de R\$40,57/saca de 60kg, estabelecido pela Portaria nº 31, de 11/03/2019. No mês de outubro, o preço médio da saca no Rio Grande do Sul ficou abaixo do preço mínimo, o que não agrada nem um pouco os produtores. Nos demais estados o preço médio tem ficado muito próximo do custo de produção. Nesse momento, o cenário não é nada positivo para o setor tritícola nacional.

Tabela 1. Trigo grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2019/20 – R\$/saca de 60kg

Estado	Out./19	Set./19	Varição mensal (%)	Out./18	Varição anual (%)
Santa Catarina	42,31	43,41	-2,53	39,9	6,0
Paraná	44,58	46,24	-3,59	42,9	3,9
Rio Grande do Sul	38,97	41,45	-5,98	40,03	-2,6
Mato Grosso do Sul	44,07	46,63	-5,49	41,65	5,8

Nota: Trigo Pão PH78, tipo 1.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (RS e MS). Outubro, 2019

Em Santa Catarina as operações de colheita seguem em ritmo acelerado. Já foram colhidos cerca de 41% da área plantada em todo o estado. No Oeste e Extremo Oeste catarinense, onde a colheita está mais adiantada, a estiagem comprometeu o rendimento médio das lavouras de forma diferente. Na Região de São Miguel do Oeste, o rendimento médio tem ficado na faixa dos 1.800kg/ha, abaixo dos 2.200kg/ha estimados. Contudo, como ainda falta colher a metade da área planta, pode haver melhora no rendimento. Já na região de Chapecó e Xanxerê, onde se estimava inicialmente rendimento médio entre 2.700 e 3.000kg/ha, com mais de 70% da área plantada já colhida, a produtividade média tem ficado na faixa 2.400 a 3.600kg/ha.

Na região de Joaçaba e Campos Novos, o volume de chuvas já atrapalha a cultura do trigo na fase final de enchimento de grãos e maturação. Com pouco mais de 10% da área plantada colhida, as primeiras lavouras tem apresentando rendimento de 2.700 a 4.200kg/ha. A explicação para esta substancial diferença no rendimento está no fato de que muitos produtores não conseguiram aplicar nitrogênio devido à estiagem, e isso fez toda a diferença. A expectativa, devido aos problemas de estiagem e geadas, é de um rendimento próximo a 3.000kg/ha. A previsão de conclusão de colheita nessa região é entre o final de novembro e início de dezembro. Para a região de Canoinhas, que colheu apenas cerca de 8% da área plantada, a situação não é muito diferente das demais. A expectativa é de redução na produtividade média das lavouras. Os eventos climáticos extremos ocorridos em todas as fases de desenvolvimento da cultura causaram o baixo rendimento médio para as primeiras lavouras colhidas. É possível observar plantas com

cachos de trigo sem o enchimento dos grãos (espigas vazias). Na medida em que a colheita evoluir, será possível uma melhor avaliação. Chuvas de granizos e ventos fortes também atingiram áreas prontas para colheita, mas com prejuízos localizados.

No Paraná, as operações de colheita já alcançaram mais de 92% da área plantada, com 83% das lavouras com boas condições agrônômicas e apenas 16% em condição média. Desse total, cerca de 25% já foi comercializado. Já no Rio Grande do Sul, segundo dados da Emater/RS, até a última semana de outubro, cerca de 50% da área plantada havia sido colhida, com um bom desenvolvimento das lavouras e baixa incidência de doenças.

É possível verificar que nos últimos quatro anos, para o trimestre (agosto a outubro), o comportamento histórico dos preços recebidos pelos produtores é de queda. Trata-se de um período de pré colheita, onde o mercado fica atento ao andamento da safra que está a campo. Se a tendência for de uma farta oferta de produto, é normal que os preços caiam. Outro aspecto diz respeito aos preços no mercado externo. Por se tratar de uma *commodity*, os preços no mercado interno ficam atrelados ao dólar e com isso os compradores acabam dando preferência para o trigo importado, sobretudo da Argentina, que chega ao mercado nacional a preços competitivos e com melhor qualidade.

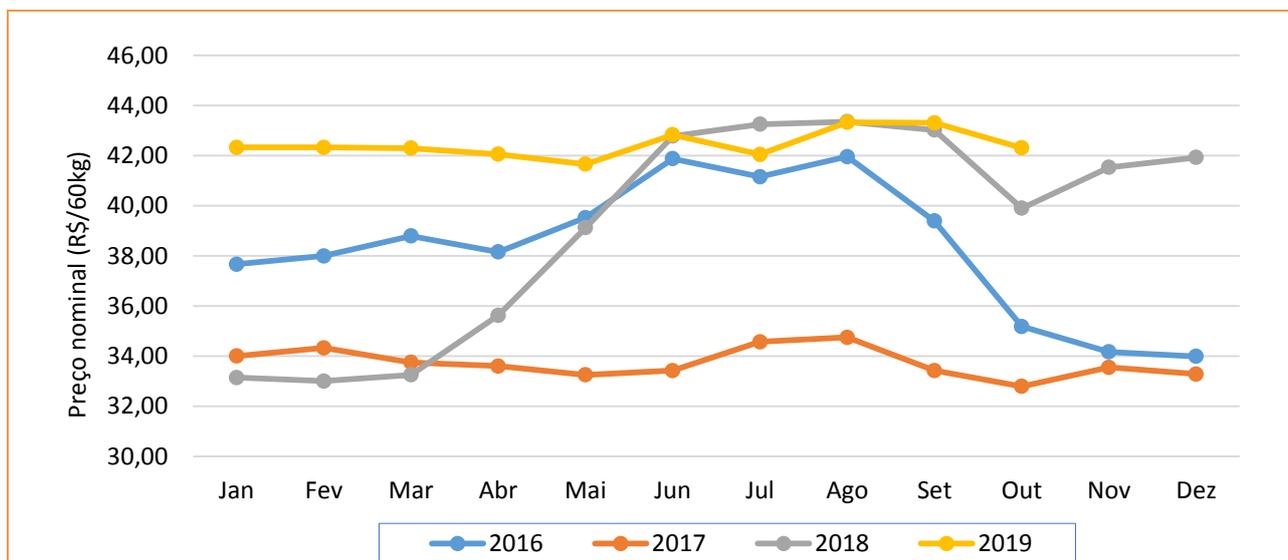


Figura 1. Trigo – Santa Catarina: evolução do preço médio mensal pago ao produtor –2016 a 10/2019

Fonte: Epagri/Cepa.

Importações

Em 2018, até o mês de outubro, o Brasil havia importado 6,0 milhões de toneladas de trigo, já em 2019, para o mesmo período, foi importado cerca de 5,8 milhões de toneladas, volume 3% inferior ao do ano passado. Em 2018, o volume total de trigo importado pelo país foi de 7,2 milhões de toneladas, e para esse ano, segundo dados da Conab, a expectativa é de que as importações cheguem a 7,0 milhões de toneladas. O nosso principal fornecedor do cereal é a Argentina, cujas importações já representam 83% do volume total. A eleição de Alberto Fernández como novo presidente da Argentina não deverá comprometer o nosso abastecimento de trigo. Com uma grande oferta de produto, em torno de 20 milhões de toneladas, e com um consumo de apenas 6,5 milhões de toneladas, nosso país é um parceiro estratégico nesse setor.

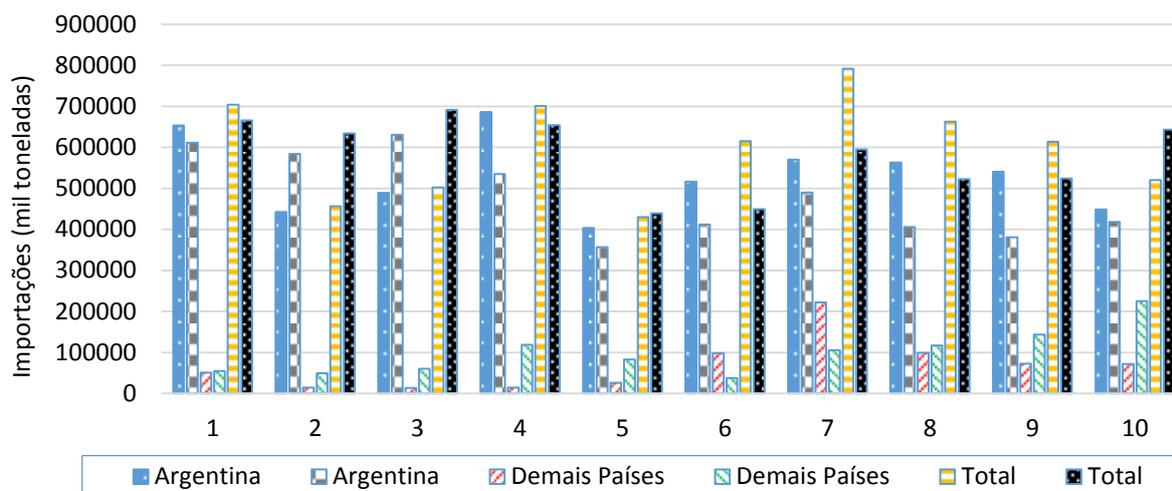


Figura 2. Trigo – Brasil: evolução das importações de trigo – 01 a 10/2018 e 01 a 10/2019

Fonte: Epagri/Cepa.

Safra

Nesse mês de outubro, na comparação com a safra 2018/18, nossas estimativas apontam para uma redução da área plantada no estado da ordem de 6%, fator que deve promover uma diminuição da produção em cerca de 8%. O rendimento médio ainda apresenta uma redução de 3%, mas poderá reduzir ainda mais na medida em que as operações de colheita caminham para o final.

Tabela 2. Trigo grão – Comparativo safra 2018/19 e Estimativa atual safra 2019/20

Microrregião	Safra 2018/19			Estimativa atual Safra 2019/20			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	330	703	2.130	924	2158	2.336	180	207	10
Canoinhas	10.850	33.235	3.063	9.700	30.490	3.143	-11	-8	3
Chapecó	12.527	33.314	2.659	11.514	31.773	2.760	-8	-5	4
Concórdia	1.330	3.942	2.964	690	1.900	2.754	-48	-52	-7
Curitibanos	7.500	28.026	3.737	7.301	24.408	3.343	-3	-13	-11
Ituporanga	765	1.938	2.533	835	2.121	2.540	9	9	0
Joaçaba	3.131	9.285	2.966	3.848	11.993	3.117	23	29	5
Rio do Sul	190	492	2.589	200	500	2.500	5	2	-3
São Bento do Sul	250	659	2.636	500	1.500	3.000	100	128	14
São M. do Oeste	2.956	9.224	3.120	3.748	8.298	2.214	27	-10	-29
Xanxerê	14.100	41.583	2.949	11.650	34.309	2.945	-17	-17	0
Santa Catarina	53.929	162.401	3.011	50.910	149.450	2.936	-6	-8	-3

Fonte: Epagri/Cepa. Outubro, 2019.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Expectativas positivas para a safra de alho catarinense. Colheita inicia nas próximas semanas!

A cadeia produtiva catarinense do alho, após ter conseguido a renovação da taxa antidumping sobre as importações do alho chinês, foca suas expectativas sobre a comercialização da safra do Sul do país, visto que é a região que tem tido perdas importantes nas últimas duas safras.

O Governo Federal, através da *Portaria nº 4.593/2019*, de 03 de outubro, oficializou a prorrogação por mais cinco anos a tarifa *antidumping* sobre o alho importado da China, independente da classificação com o tipo, classe, grupo e subgrupo.

A tarifa *antidumping* é aplicada pelo Brasil desde 1996, e visa proteger a alhicultura brasileira da concorrência desleal, visto que se comprovou a prática do *dumping* pela China. O Brasil taxa o alho chinês importado no valor de US\$0,78/kg.

Preço

Em outubro, a China foi a maior fornecedora de alho para o Brasil. Apesar das taxações sobre o produto oriundo daquele país, o preço médio (FOB) baixou (Figura 1).

No mercado atacadista da Ceagesp, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional classe 5 foi comercializado, no final de setembro a R\$ 13,41/kg, e fechando o mês de outubro a R\$13,98/kg, aumento de 4,07%. O alho classe 6, no mesmo período, foi de R\$15,41/kg, para R\$15,98/kg, acréscimo de 3,56%. E o alho classe 7, que finalizou o mês de setembro a R\$17,41/kg, fechou o mês de outubro a R\$17,98/kg, aumento de 3,17%. O alho importado chinês fechou o mês a R\$13,00/kg.

No caso do alho importado, classe 5/6, o mês de outubro fechou a R\$13,00/kg, mesmo preço praticado o mês todo.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, o alho nobre nacional, classes 4 e 5, finalizou o mês de outubro com preço de atacado de R\$12,50,00/kg, enquanto no mês de setembro, o preço foi de 12,00/kg, aumento de 4% no período. Por outro lado, o alho classes 6 e 7, teve pequena redução de preço no período, fechando o mês de outubro a R\$15,00/kg, quando no mês anterior foi de R\$16,00/kg, significando redução de 6,25% no período. O alho importado, classes 4/5, finalizou o mês de outubro a R\$16,00/kg.

Produção

O monitoramento da safra 2019/20 realizado pela Epagri/Cepa aponta que mais de 95% das lavouras de alho se apresentam em boas condições de desenvolvimento em termos da qualidade e calibre dos bulbos e, estado fitossanitário das plantas. Na região de Curitibaanos, que possui 1.124 ha de área plantada, 70% se encontra no período de maturação, tendo áreas com previsão de colheita para as próximas semanas.

Com a normalização das chuvas na região, não há mais necessidade do uso da irrigação, cujo uso foi bastante frequente nesta safra e contribuiu para a elevação dos custos produção.

Em Santa Catarina, na safra 2019/20 foram plantados 1.831ha (Epagri/Cepa), área 24,02% inferior à safra passada, que foi de 2.406 ha. A redução de área está diretamente relacionada aos resultados negativos e pouco animadores que os produtores tiveram nas safras 2017/18 e 2018/19.

O monitoramento de Safra 2019/20 da Epagri/Cepa aponta uma redução de área na ordem de 2,24% em relação à estimativa inicial da safra, fechando com área final de 1.831ha. Por outro lado, com as boas condições da sanidade que caracterizaram esta safra, há uma elevação na estimativa de produção de 16,83 mil toneladas para 17,69 mil toneladas, aumento de 9,51%. Por consequência, a produtividade deve alcançar a 9,66t/ha.

Comércio exterior

A importação de alho no mês de outubro deste ano foi de 11,16 mil toneladas, crescimento de 30,28% em relação ao mês de setembro (Tabela 1). Nos primeiros nove meses de 2019, a importação total de alho pelo Brasil atingiu 137,06 mil toneladas, com média mensal de 13,7 mil toneladas, exatamente a mesma média ocorrida no ano de 2018.

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de 2016 a 2018 e jan./ago./2019 – (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maió	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	15,89	11,87	6,03	9,06	14,20	172,97
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,48
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	-	-	137,06

Fonte: Comexstat/ME: novembro/2019.

O preço FOB no mês de outubro teve nova redução em relação ao mês anterior, interrompendo a sequência de recuperação dos preços que vinha ocorrendo desde outubro de 2018. No mês de outubro, o preço (FOB), foi de US\$1,40/kg, significando uma redução de 8,50% em relação ao preço do mês de setembro que foi de US\$1,53/kg (Figura 1).

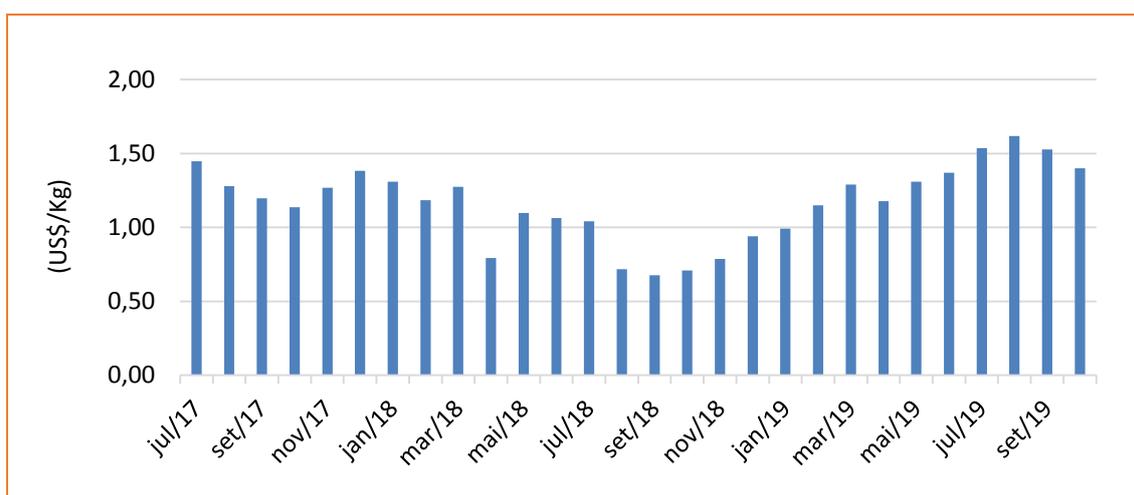


Figura 1. Alho – Brasil: evolução do preço médio (FOB) de importação – 2017-18 e jan./out./2019

Fonte: ComexStat/ME: novembro/2019.

Na Figura 2 é apresentada a evolução da quantidade de alho (kg) internalizada pelo Brasil e o desembolso mensal (US\$) de julho a dezembro de 2017, janeiro a dezembro de 2018 e janeiro a outubro de 2019. Neste ano, de janeiro a outubro o dispêndio foi US\$179,09 milhões, para uma entrada de 137,06 mil toneladas de alho.

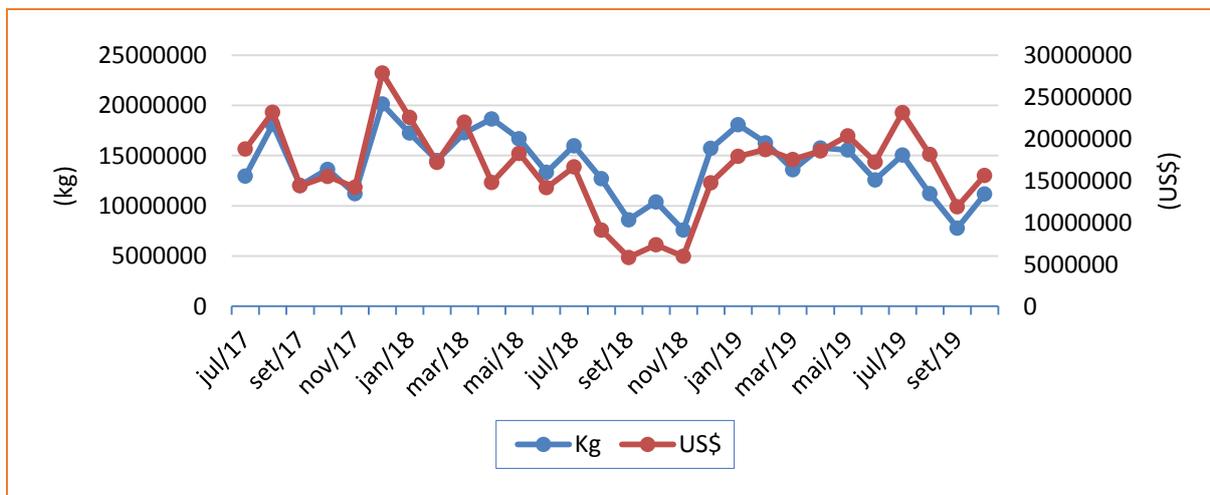


Figura 2. Alho – Brasil: volume e valores da importação mês a mês: 2017, 2018 e jan. a out./2019

Fonte: ComexStat/ME: novembro/2019.

A participação dos principais países no fornecimento de alho ao Brasil no ano de 2018 e de janeiro a outubro de 2019 pode ser vista na Figura 3.

O principal fornecedor no mês de outubro foi a China, com 9,45 mil toneladas, 84,68% do volume total, seguida pela Espanha com 0,68 mil toneladas, 6,09%, a Argentina com 0,10 mil toneladas e demais países com 0,98 mil toneladas ou 8,86% do total importado.

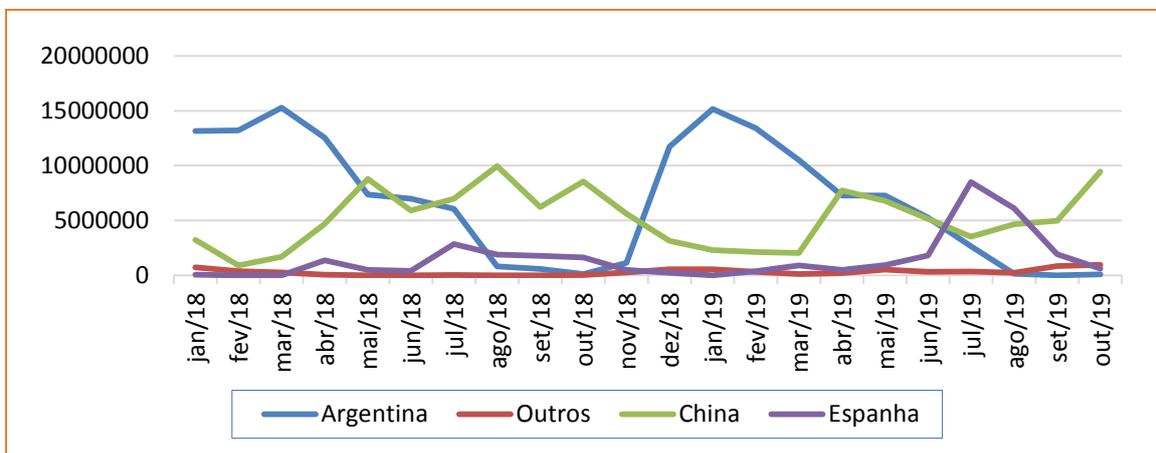


Figura 3. Alho – Brasil: participação dos principais países fornecedores (Kg) – 2018 e jan. a out./2019

Fonte: Comexstat/ME: novembro/2019.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Safra catarinense de cebola se apresenta com boa qualidade até o momento

Os produtores catarinenses de cebola estão avaliando como bastante positivas as perspectivas da safra 2019/20.

As condições climáticas durante boa parte do ciclo do desenvolvimento da cultura foram de chuvas abaixo da média, o que impôs aos produtores usar a irrigação, contribuindo para o aumento do custo de produção.

A falta de chuvas no período final recomendado para plantio da hortaliça fez com que pelo menos 1% da área que inicialmente estava destinada ao plantio de cebola, não tenha sido efetivada. Por outro lado, a baixa umidade tem contribuído para que as lavouras se desenvolvessem com alto grau de sanidade que se refletirá no aumento da produtividade média, superando substancialmente a produtividade estimada inicialmente.

No país, as regiões produtoras do Cerrado e do estado de São Paulo, se aproximam do final da colheita e há intensificação da colheita no Nordeste nesse período. Em Santa Catarina, a safra 2019/20, se encontra, parte em desenvolvimento vegetativo, com início da colheita de variedades superprecoces, no Alto Vale do Itajaí, Tabuleiro e Tijucas.

Preço

No mês de outubro o Cerrado e São Paulo foram as principais regiões que contribuíram para o abastecimento interno da hortaliça.

Com isso, nos próximos meses, as Regiões do Nordeste brasileiro e o Sul, passam a ser os fornecedores internos de cebola.

O mês de outubro se caracterizou por boa disponibilidade do bulbo em função da aceleração da colheita nas regiões do centro do país. Desta forma, os preços ao produtor tiveram importantes reduções. Na região de São José do Rio Pardo, a cebola caixa 3 beneficiada foi vendida a R\$1,45/kg, entre 16 a 20 de outubro, significando redução de 40,8% em relação à semana anterior, segundo a revista Hf Brasil/Cepea.

Porém, na primeira semana de novembro, com a aproximação do final da colheita da região do Cerrado e São Paulo e, o Sul ainda com baixa oferta da nova safra, houve um pequeno “vácuo” no mercado com redução da oferta nacional, refletindo em aumento das cotações. Assim, na CEAGESP/SP, o bulbo foi comercializado na primeira semana de novembro a R\$1,85/kg, a R\$ 1,87/kg. Mesmo assim, estes preços não alcançaram o patamar praticado no início da segunda quinzena do outubro quando o preço de atacado chegou a R\$2,08/kg no dia 20.

No mercado atacadista da Ceasa/SC – Unidade de São José – SC, o mês de outubro iniciou com cotação para a cebola tipo caixa 3 nacional a R\$2,25/kg, recuando para R\$2,00/kg no final da primeira quinzena e fechando o mês a R\$1,75/kg, significando uma redução de 22,22% no período.

Na Ceagesp, maior central de abastecimento da América Latina, o mês de outubro foi marcado por oscilações de preços da hortaliça, como reflexo da boa oferta. Os preços no início da segunda quinzena foram de R\$1,96/kg, atingindo R\$2,08/kg no dia 24, e fechando o mês a R\$1,85/kg. A redução de preços no período foi de até 51,57% considerando o preço de fechamento do mês.

Safra catarinense

A normalização das precipitações nas regiões produtoras de cebola, em outubro, restabeleceu as possibilidades de que Santa Catarina colherá uma importante safra em quantidade e qualidade dos bulbos.

Embora localizadas e restritas a algumas comunidades, propriedades de produtores de cebola foram atingidas pela ocorrência de granizo, cujas perdas são significativas. Há propriedades com perdas totais acima de 80%. Por outro lado, estas perdas não terão reflexos no volume total de produção da hortaliça em Santa Catarina visto que as áreas atingidas foram pequenas e a produtividade tende a ser uma das maiores dos últimos anos.

Na região do Alto Vale do Itajaí, principal região produtora da hortaliça no estado, bem como na região de Tabuleiro e Tijucas (Litoral), as lavouras implantadas com os cultivares superprecoces já foram ou estão sendo colhidas, segundo acompanhamento de safra da Epagri/Cepa.

Na região de Joaçaba, Campos de Lages e Canoinhas, cujo plantio é mais tardio que as demais, as lavouras se encontram no período de desenvolvimento vegetativo e formação dos bulbos. As condições sanitárias das lavouras são muito boas, propiciadas pelo período em que o clima foi mais seco.

Neste sentido, as expectativas para a safra 2019/20 são excepcionais, com indicativos bastante seguros de aumento de produtividade.

Deste modo, em se mantendo as condições climáticas atuais, segundo o monitoramento de safra da Epagri/Cepa, a safra catarinense 2019/20 de cebola pode ficar próximo as 600 mil toneladas, em uma área plantada e ajustada para 18.340 ha e estimativa de produtividade, também atualizada, para acima de 30 toneladas por ha.

Comércio exterior

A tabela 1 apresenta as exportações brasileiras de cebola desde 2015. Embora com volume e valores pouco expressivos, tem caráter ilustrativo e indicativo de alternativa de negócios em conjunturas desfavoráveis no mercado interno, como ocorreu em 2018, para algumas regiões produtoras de São Paulo, cujo mercado foi, basicamente, o Paraguai. No mês de outubro, foram exportadas 1,44 mil toneladas, sendo 0,82 mil para a Argentina, 0,320 mil toneladas para o Paraguai, 0,27 mil toneladas para o Uruguai e 0,03 mil toneladas para outros países.

Neste ano, o volume de exportações até o mês de outubro atingiu 9,36 mil toneladas com um faturamento de 1,92 milhão de dólares (Tabela1).

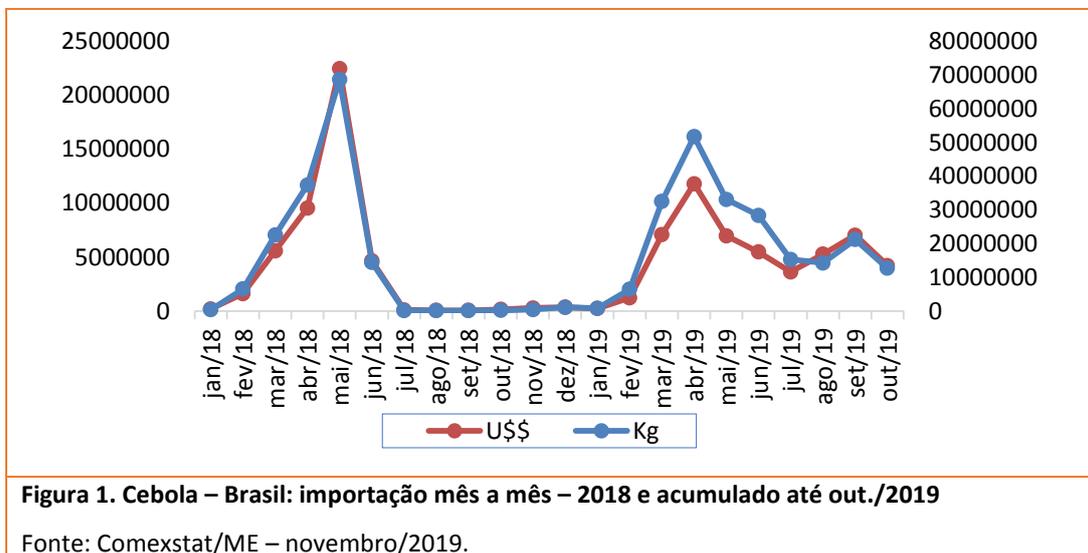
Tabela 1. Cebola – Brasil: exportações – 2015 a 2018 e janeiro a outubro de 2019

Ano	Valor – US\$	Quantidade – kg	Valor médio – US\$/kg
2015	1.730.100	4.856.280	0,356
2016	4.924.385	21.816.192	0,225
2017	2.287.941	12.278.519	0,186
2018	3.421.211	21.752.409	0,157
2019	1.927.814	9.358.048	0,206

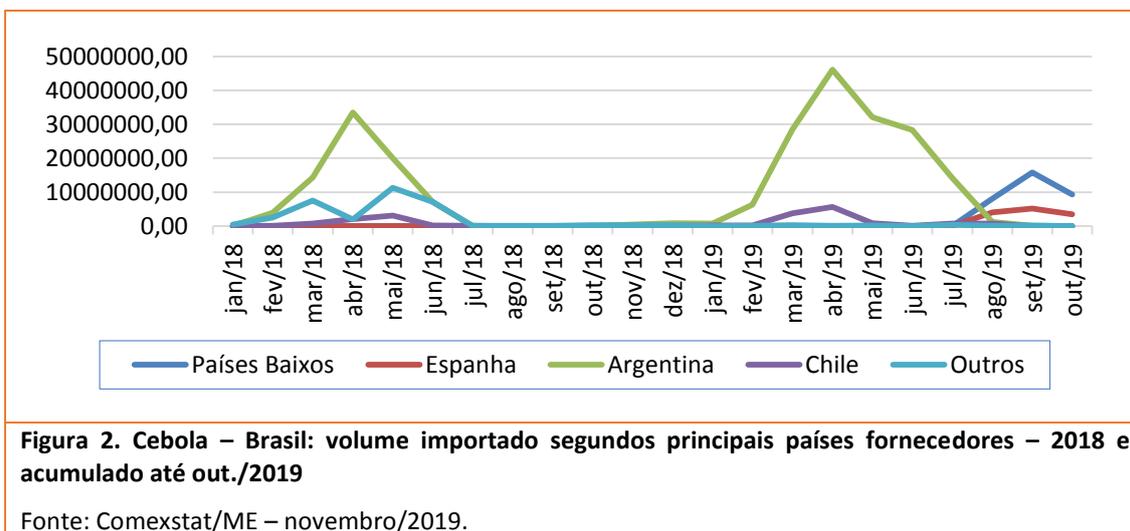
Fonte: Comexstat/ME – novembro/2019.

Com relação às importações (Figura 1), no mês de outubro foram internalizadas 12,70 mil toneladas, significando 40,12% de redução em relação ao mês de setembro, cujo volume foi de 21,21 mil toneladas.

Em outubro, o preço médio (FOB), foi de US\$0,333/kg, praticamente o mesmo preço do mês de setembro que foi de US\$0,332/kg.



Em relação à origem da cebola adquirida pelo Brasil, no mês de outubro (Figura 2), as importações oriundas da Holanda somaram 9,26 mil toneladas, significando uma redução de 41,31% em relação a setembro, quando a importação foi de 15,78 mil toneladas. Dessa forma, a Holanda participou com 72,91% do total importado no mês, seguida pela Espanha com 3,41 mil toneladas, ou 26,85%, e em terceiro o Peru com 0,24% do total.



Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Assim como vem sendo observado ao longo de todo o 2º semestre deste ano, o preço do frango vivo em Santa Catarina manteve-se estável, apresentando apenas uma leve oscilação (0,02%) na média preliminar de novembro em relação a outubro. No Paraná, por sua vez, o preço das duas primeiras semanas de novembro mais uma vez registra alta consistente (0,99%), com perspectiva de continuidade desse movimento ao longo da 2ª quinzena do mês.

Na comparação entre os preços deste mês e aqueles praticados em novembro de 2018, observa-se variação positiva no Paraná (7,62%) e queda em Santa Catarina (-1,47%). A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 2,54%, de acordo com o IPCA/IBGE.

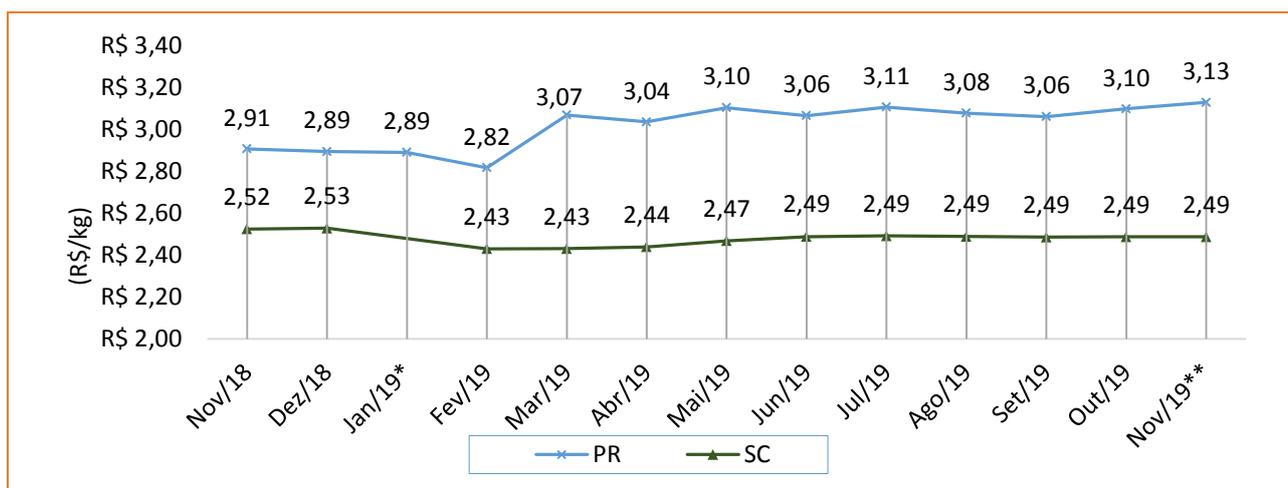


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina, São Paulo e Paraná: preço médio nominal⁽¹⁾ mensal pago aos avicultores

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro em SC.

** Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1º a 14/nov./2019.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB (PR).

Das quatro praças de coleta de preços em Santa Catarina, apenas Chapecó registra variação em relação ao mês anterior, com pequena alta de 0,08%. Em Joaçaba, Florianópolis e no Sul Catarinense não ocorreram alterações em relação às médias de outubro.

Quando se comparam os preços atuais com aqueles praticados em novembro de 2018, verifica-se variação de -7,10% em Chapecó e -6,75% no Sul Catarinense.

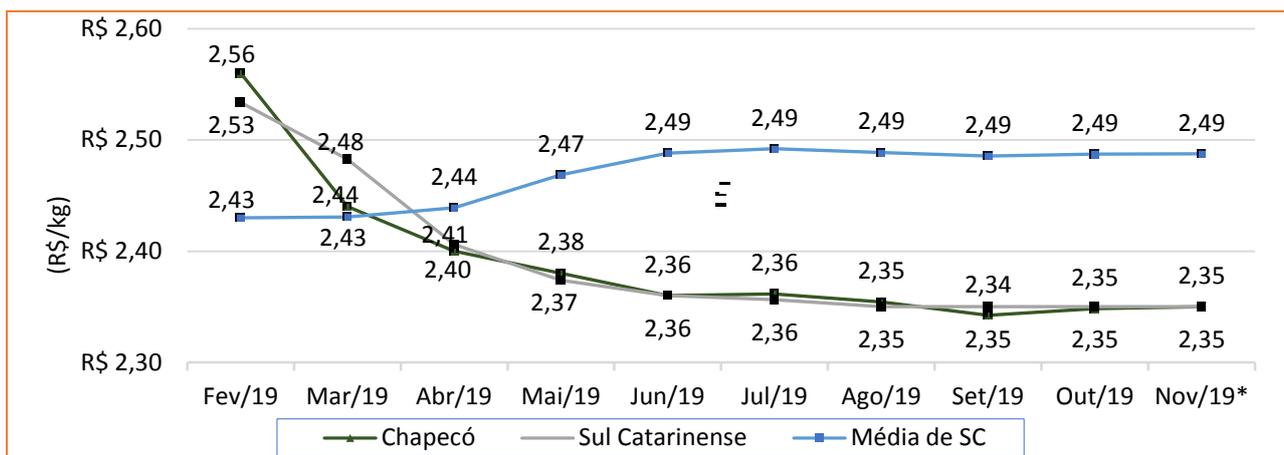


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ pago aos avicultores nas principais praças e média estadual

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1º a 14/nov./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Já no mercado atacadista, nas primeiras semanas de novembro observou-se movimentos distintos, de acordo com o tipo de corte. A coxa/sobrecoxa congelada e o frango inteiro congelado apresentaram alta nos preços preliminares deste mês em relação a outubro: 3,28% e 1,88%, respectivamente. Por outro lado, o peito com osso congelado registrou queda de 0,32% e o filé de peito congelado caiu 3,82% nas primeiras semanas de novembro. A variação média dos quatro cortes foi de 0,26%, primeiro resultado positivo desde julho.

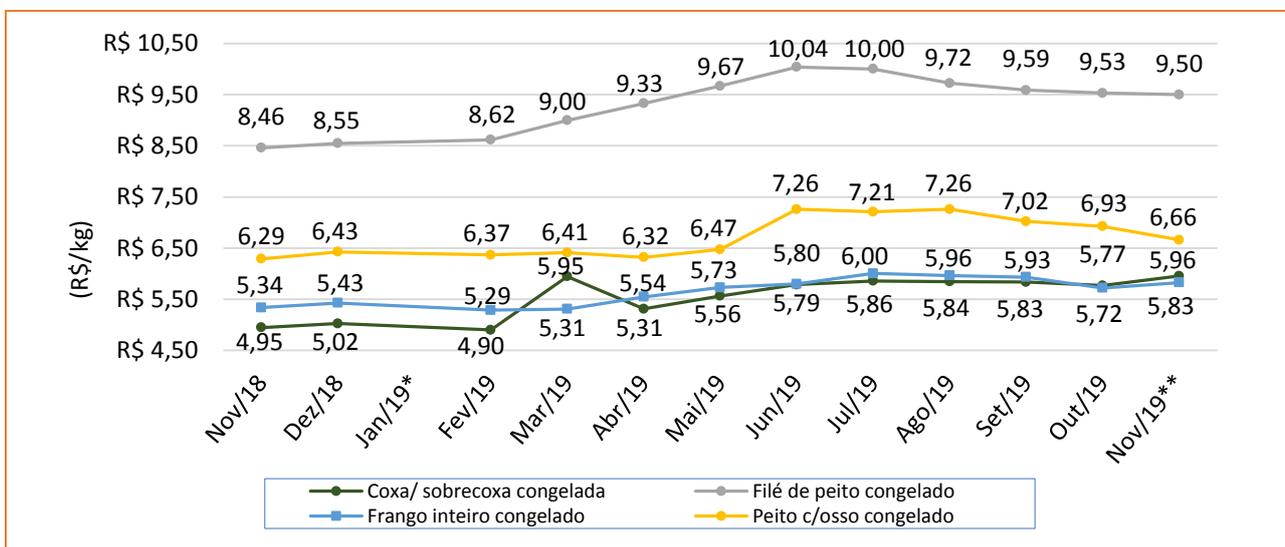


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1º a 14/nov./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Na comparação entre os valores preliminares de novembro e o mesmo mês de 2018, verificam-se variações positivas em todos os cortes: coxa/sobrecoxa congelada (20,42%), filé de peito congelado (12,30%), frango inteiro congelado (9,23%) e peito com osso congelado (5,93%). A variação média dos quatro cortes nesse período foi de 11,97%.

Custos

Em setembro, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango), elaborado pela Embrapa Suínos e Aves, apresentou alta de 1,55% em relação ao mês anterior. Esse resultado decorre, principalmente, da elevação nos custos com nutrição (1,80%). Por outro lado, considerando-se os últimos 12 meses, o índice apresenta queda de 2,31%.

O valor preliminar da relação de equivalência insumo-produto nas primeiras semanas de novembro indica a continuidade do movimento iniciado em outubro. O índice apresenta alta de 2,25% no corrente mês, resultante essencialmente do aumento no preço do milho na praça de Chapecó (2,33%). O valor atual está 13,28% acima daquele registrado em novembro de 2018. A relação de equivalência insumo-produto indica quantos quilos de frango vivo são necessários para comprar uma saca de 60kg de milho.

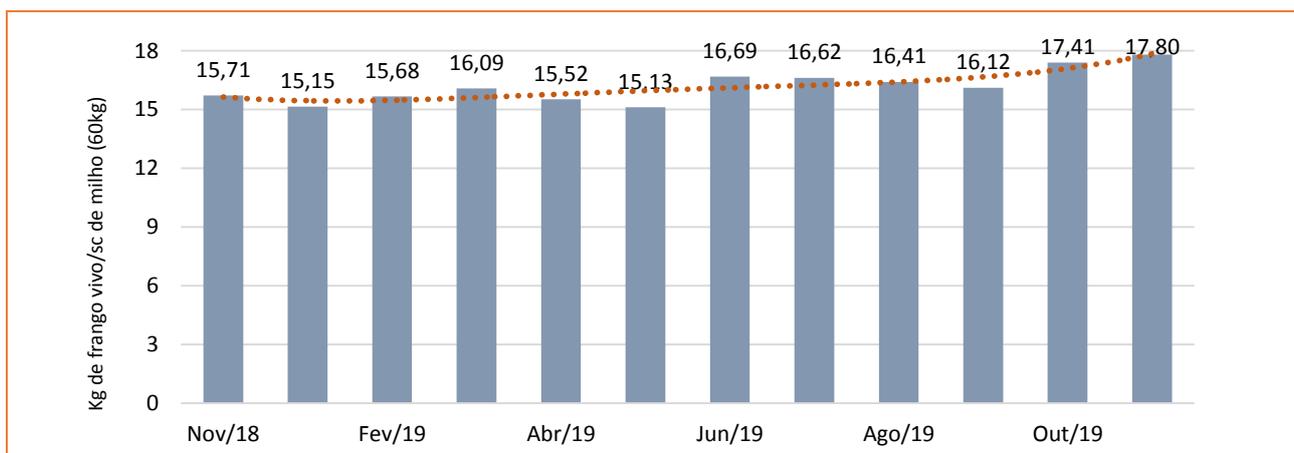


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária para adquirir uma saca de milho

Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2019.

* O valor de novembro é preliminar, relativo ao período de 1º a 14/nov./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em outubro, o Brasil exportou **326,9 mil toneladas** de carne de frango (*in natura e industrializada*), **3,76%** acima da quantidade registrada no mês anterior, mas **-8,29%** em relação a outubro de 2018.

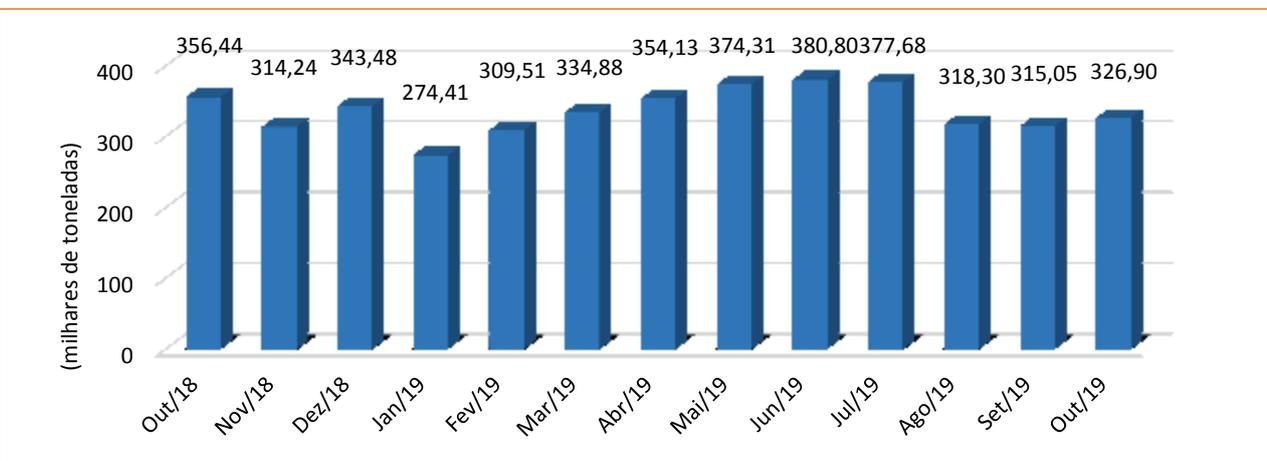


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada

Fonte: Comex Stat.

O faturamento com as exportações de carne de frango em outubro foi de **US\$529,13 milhões**, **-0,21%** em relação ao mês anterior e **-7,76%** na comparação com outubro de 2018.

Segundo alguns analistas do setor, esse aumento no volume exportado em outubro, na comparação com setembro, deve-se ao maior número de dias úteis do mês passado (23 dias úteis em outubro, ante 21 dias em setembro). Apesar disso, os embarques de carne de frango se mantêm abaixo do esperado.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango no último mês foram China, Japão, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Hong Kong, que responderam por 53,10% das receitas do período.

De janeiro a outubro, o Brasil exportou **3,37 milhões de toneladas** de carne de frango, com **US\$5,66 bilhões** em receitas. Em relação ao mesmo período de 2018, registra-se alta de **6,48%** nas receitas e **0,18%** na quantidade.

De acordo com dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME), observa-se pequena elevação na média diária de embarques de carne de frango *in natura* ao longo das primeiras semanas de novembro (6 dias úteis), em relação a outubro: 4,16% em valor e 1,31% em quantidade. Na comparação com novembro de 2018, por outro lado, as variações são negativas: -3,54% em valor e -7,32% em quantidade.

Em outubro, Santa Catarina exportou **80,09 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), **queda de 5,42%** em relação ao mês anterior e de **38,99%** na comparação com outubro de 2018.

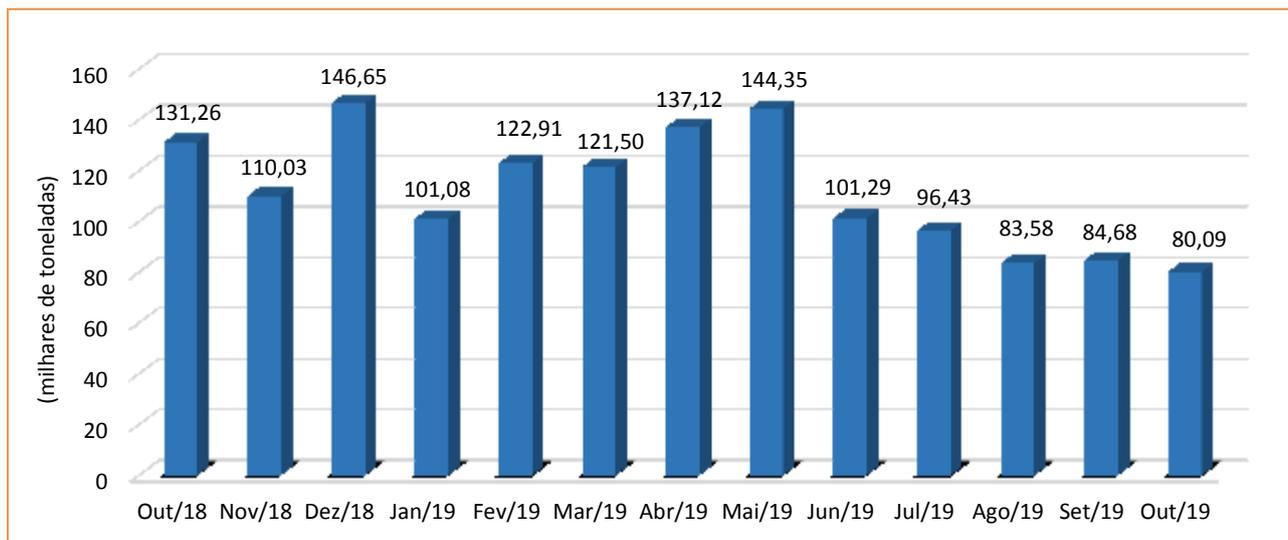


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada

Fonte: Comex Stat.

As receitas de outubro foram de **US\$135,08 milhões**, **queda de 9,24%** em relação ao mês anterior e de **37,20%** na comparação com outubro de 2018.

A queda no volume exportado por Santa Catarina em outubro deve-se, dentre outras coisas, a problemas nos trâmites burocráticos que retardaram o embarque dos produtos. Representantes do setor consultados acreditam que tais problemas já foram sanados e esperam que o fluxo se normalize a partir de novembro.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada por Santa Catarina em outubro foi de US\$1.686,69/tonelada, **2,92%** acima da média do mesmo mês de 2018. Contudo, quando comparado a setembro deste ano, registra-se queda de 4,04%.

De janeiro a outubro, Santa Catarina exportou **1,07 milhão de toneladas** de carne de frango, com faturamento de **US\$1,87 bilhão**, aumento de **6,76%** em quantidade e de **11,19%** em valor, quando comparado ao mesmo período de 2018. O estado foi responsável por **33%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango nos dez primeiros meses do ano.

A tabela 1 apresenta os cinco principais destinos do frango catarinense neste ano, os quais responderam por 51,86% do valor e 47,85% da quantidade exportada pelo estado no período.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan. a Out./2019

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	295.401.310,00	154.157
China	204.886.174,00	109.915
Emirados Árabes Unidos	164.084.845,00	91.661
Arábia Saudita	159.206.884,00	95.392
Países Baixos (Holanda)	144.524.004,00	62.276
Demais países	898.719.999,00	559.622
Total	1.866.823.216,00	1.073.023

Fonte: Comex Stat.

Levando-se em consideração o acumulado do ano, dentre os dez principais importadores da carne de frango de Santa Catarina, dois registraram quedas em termos de valor: Hong Kong (-19,42%) e Iraque (-18,44%). O Japão, principal destino da carne catarinense, apresenta queda de 0,29% na quantidade exportada no período, mas alta de 6,33% nas receitas. Dentre as variações positivas, destacam-se os embarques para China (alta de 13,37% em quantidade e 5,77% em valor), Emirados Árabes Unidos (32,29% e 28,88%), Arábia Saudita (18,40% e 10,23%) e Reino Unido (43,70% e 45,71%).

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de novembro houve predomínio dos movimentos de alta no mercado do boi gordo, tendência que vem sendo observada desde junho deste ano. Todos os oito estados analisados registraram variações positivas nos preços preliminares deste mês em relação a outubro: Paraná (6,71%), Goiás (5,26%), São Paulo (4,82%), Mato Grosso do Sul (3,97%), Minas Gerais (3,74%), Rio Grande do Sul (3,40%), Mato Grosso (2,71%) e Santa Catarina (1,72%).

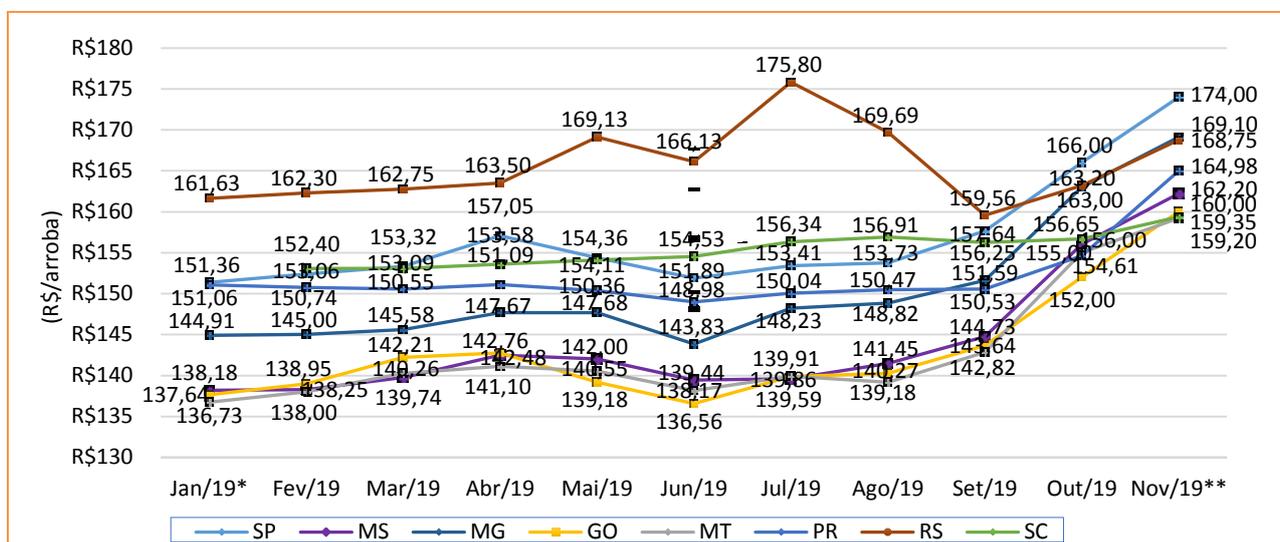


Figura 1. Boi gordo – SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾: evolução dos preços da arroba

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1º a 14/nov./2019.

Fonte: Epagri/Cepa⁽¹⁾; Cepea⁽²⁾; SEAB⁽³⁾; Nespro⁽⁴⁾.

Em relação a novembro de 2018, os preços preliminares do presente mês apresentam variações positivas em todos os estados, bastante significativas na maioria dos casos: 19,97% em Minas Gerais, 19,60% no Mato Grosso, 17,87% em São Paulo, 17,65% em Goiás, 14,06% no Mato Grosso do Sul, 13,64% no Rio Grande do Sul, 10,31% no Paraná e 6,69% em Santa Catarina. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 2,54%, segundo o IPCA/IBGE.

Essas altas acentuadas observadas nos dois últimos meses devem-se principalmente ao excelente desempenho das exportações, como veremos adiante, o que mantém aquecida a demanda por animais para abate e pressiona os preços para cima. A oferta de bovinos, por sua vez, segue bastante limitada, já que em 2017 houve um intenso movimento de abate de fêmeas, que se reflete na atual baixa disponibilidade de animais. A tendência de alta deve se manter nos próximos meses, uma vez que um maior volume de animais produzidos a pasto prontos para abate deve estar disponível apenas do primeiro trimestre de 2020.

Nas últimas semanas, diversos produtores tem questionado o fato dos preços do boi gordo em Santa Catarina estarem entre os mais baixos pagos no país. É importante ressaltar que isso se trata de uma

situação conjuntural, já que historicamente os preços catarinenses figuravam entre os maiores do país. Contudo, em função do *boom* das exportações nos últimos meses, principalmente em decorrência da habilitação de novos frigoríficos para importantes destinos, como China e Arábia Saudita, os preços dos principais estados produtores cresceram num ritmo acelerado e ultrapassaram os valores pagos em Santa Catarina. Embora também exporte carne bovina, Santa Catarina responde por apenas 0,21% do total embarcado este ano pelo país, sendo grande parte de sua produção destinada ao consumo no próprio estado. Contudo, é provável que nos próximos meses os preços catarinenses também sejam influenciados pelo movimento de alta observado nos demais estados.

Os preços do boi gordo nas duas praças de referência em Santa Catarina (Chapecó e Lages) mantêm-se inalterados desde março deste ano. A média estadual apresenta alta de 1,72% no preço preliminar de novembro em relação a outubro.

Na comparação com os preços de novembro de 2018, a variação é de 2,07% em Chapecó e 3,77% em Lages, enquanto a média estadual⁸ variou 6,69% no período.

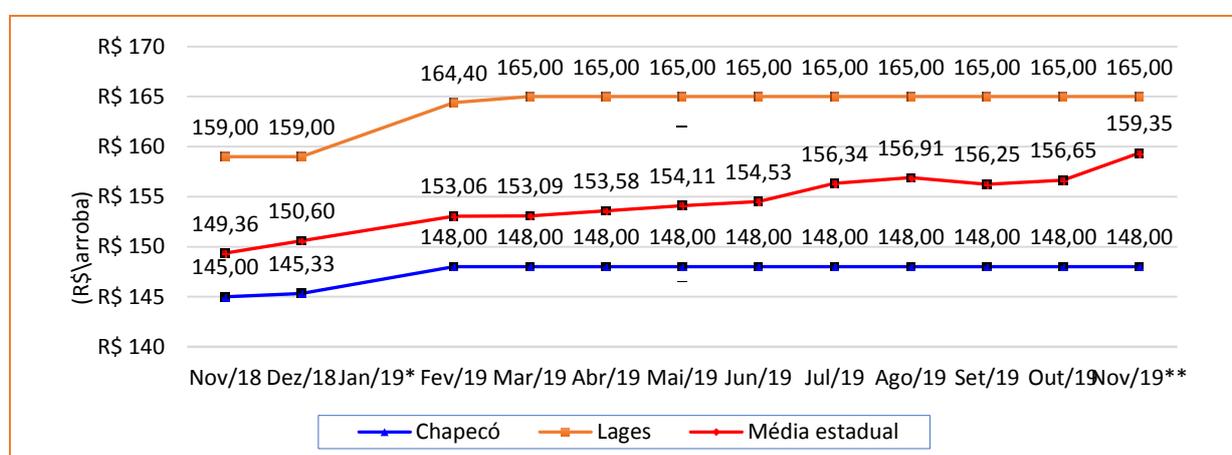


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: evolução do preço médio mensal nas praças de referência e média estadual

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1º a 14/nov./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Nas primeiras semanas de novembro, os preços de atacado da carne bovina em Santa Catarina apresentaram altas consistentes: a carne de traseiro subiu 3,80% na comparação entre a média preliminar do mês corrente e o preço de outubro, enquanto a carne de dianteiro aumentou 3,67% no mesmo período. Em relação a novembro de 2018, verificam-se altas mais significativas nos dois casos: 11,08% na carne de dianteiro e 4,35% na carne de traseiro.

⁸ A partir de 2019, ampliou-se o número de praças de coleta de preços do boi gordo de 8 para 10, o que afeta a comparação entre os valores atuais e os anos anteriores. Ao calcularmos a variação do preço médio estadual sem as duas novas praças (Caçador e Florianópolis), a variação entre novembro deste ano e o mesmo mês de 2018 é de 6,21%.

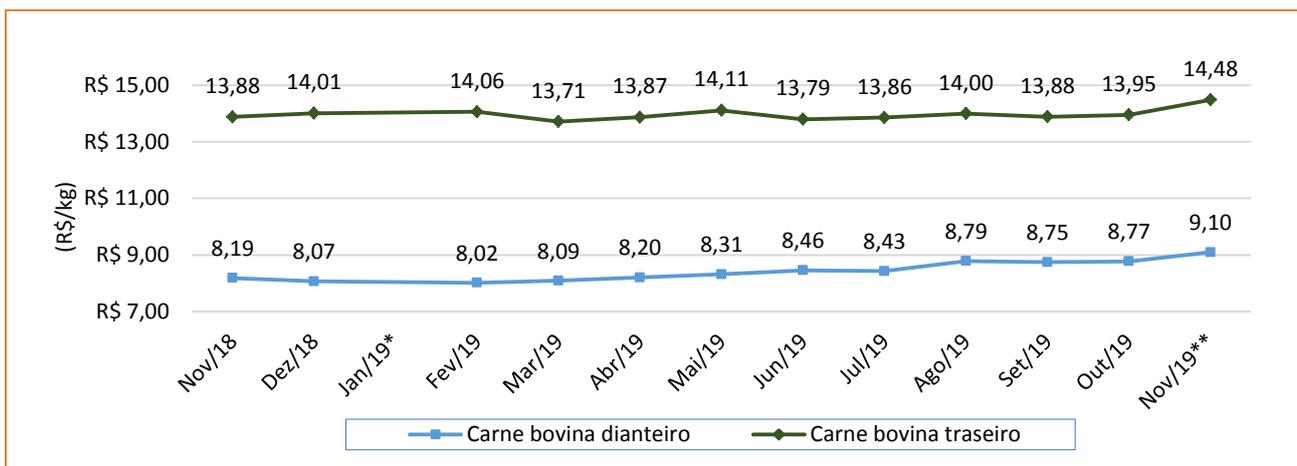


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual de dianteira e traseira

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1º a 14/nov./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Essas altas devem-se principalmente ao aumento no volume de carne bovina exportada pelo Brasil nos últimos meses, como veremos adiante, o que reduz a oferta no mercado interno. Além disso, este período é caracterizado por uma maior procura doméstica, devido à proximidade das festividades de final de ano.

Custos

Diferentemente da tendência predominante ao longo do segundo semestre deste ano, nas primeiras semanas de novembro as duas categorias de animais de reposição apresentaram quedas nas cotações. O preço médio preliminar dos bezerros para corte de até 1 ano caiu 2,35% na comparação com outubro, enquanto os novilhos de 1 a 2 anos recuaram 2,65% no período. Na comparação com novembro de 2018, as variações são positivas: 1,47% para os bezerros e 8,14% para os novilhos.

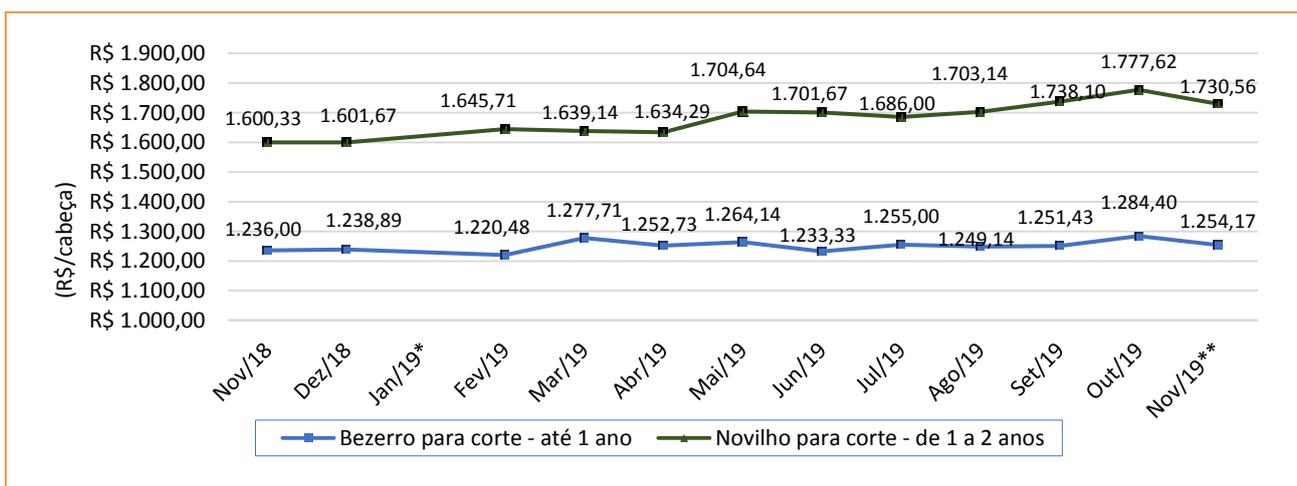


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1º a 14/nov./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior



Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada

Fonte: Comex Stat.

Em outubro, o Brasil exportou **185,42 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), alta de **27,88%** em relação ao mês anterior e de **14,91%** na comparação com outubro de 2018. Esse é o maior volume de carne bovina embarcado pelo Brasil num único mês desde 1997, quando tem início a série histórica disponibilizada pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex/ME).

As receitas de outubro também apresentaram alta significativa: **US\$806,61 milhões**, alta de **32,86%** em relação a setembro e de **30,38%** na comparação com outubro de 2018. Esse é o maior valor já exportado pelo Brasil num único mês.

O crescimento foi impulsionado principalmente pelas compras da China, que importou 65,8 mil toneladas de carne bovina brasileira no período. O surto de peste suína africana que atinge a China desde agosto de 2018 tem reduzido a disponibilidade interna de proteína animal, fomentando a importação de carnes por parte daquele país. Essa ampliação dos embarques em outubro já era esperada, uma vez que em setembro a China habilitou 17 novos frigoríficos a exportarem carne bovina brasileira para o país.

Em outubro, os cinco principais destinos da carne bovina brasileira foram China, Hong Kong, Egito, Chile e Estados Unidos, que responderam por 71,20% das receitas e 66,69% do volume embarcado no mês.

De janeiro a outubro, o país exportou **1,46 milhão** de toneladas de carne bovina, **9,94%** mais que no mesmo período do ano anterior. As receitas foram de **US\$5,75 bilhões**, alta de **7,58%** em relação a 2018.

A China, principal destino da carne bovina brasileira, ampliou em 23,27% o volume importado este ano. Juntos, China e Hong Kong respondem por 44,28% das receitas brasileiras com exportação de carne bovina em 2019.

Nas primeiras semanas de novembro (6 dias úteis), observou-se queda na quantidade média diária de carne bovina *in natura* exportada, na comparação com mês anterior: -4,59% em valor e -11,50% em quantidade. Em relação à média diária de novembro de 2018, registra-se queda de 5,56% na quantidade embarcada, mas alta de 14,02% em termos de valor.

Em outubro, Santa Catarina exportou **220 toneladas** de carne bovina, queda de 5,34% em relação ao mês anterior e de 48,43% na comparação com outubro 2018. O faturamento foi de **US\$639 mil**, queda de 17,44% em relação a setembro e de 47,63% na comparação com outubro do ano passado.

No acumulado do ano, Santa Catarina exportou **3,09 mil toneladas** de carne bovina, com faturamento de **US\$8,89 milhões**, queda de 23,20% em quantidade e 29,92% em valor, na comparação com o mesmo período de 2018. Hong Kong foi o destino de 52,92% da carne bovina exportada pelo estado este ano.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Dando sequência ao movimento iniciado em fevereiro deste ano e brevemente interrompido em agosto, em novembro os preços preliminares dos suínos vivos mais uma vez apresentaram altas significativas nos principais estados produtores, com índices que variam de 3,23% em São Paulo a 6,99% no Paraná, como é possível observar no gráfico ao lado.

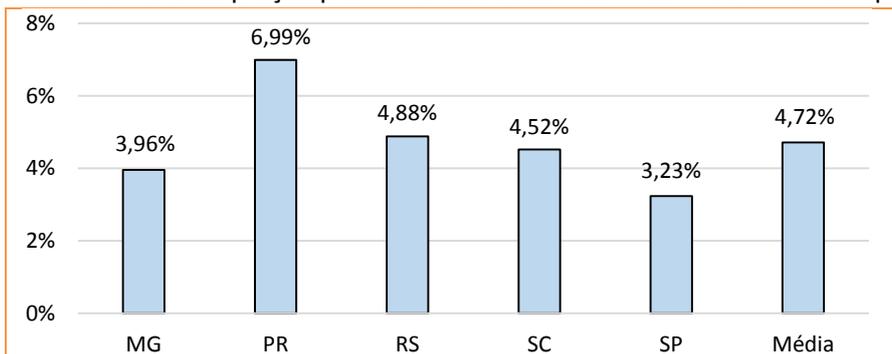


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (out./nov. de 2019*)

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

* Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1º a 14/nov./2019.

Na comparação entre os valores atuais e os preços médios de novembro de 2018, as variações são ainda mais significativas nos cinco estados analisados: 51,12% no Rio Grande do Sul, 39,07% em Santa Catarina, 37,87% no Paraná, 37,07% em São Paulo e 35,01% em Minas Gerais. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 2,54%, segundo o IPCA/IBGE.

35,01% em Minas Gerais. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 2,54%, segundo o IPCA/IBGE.

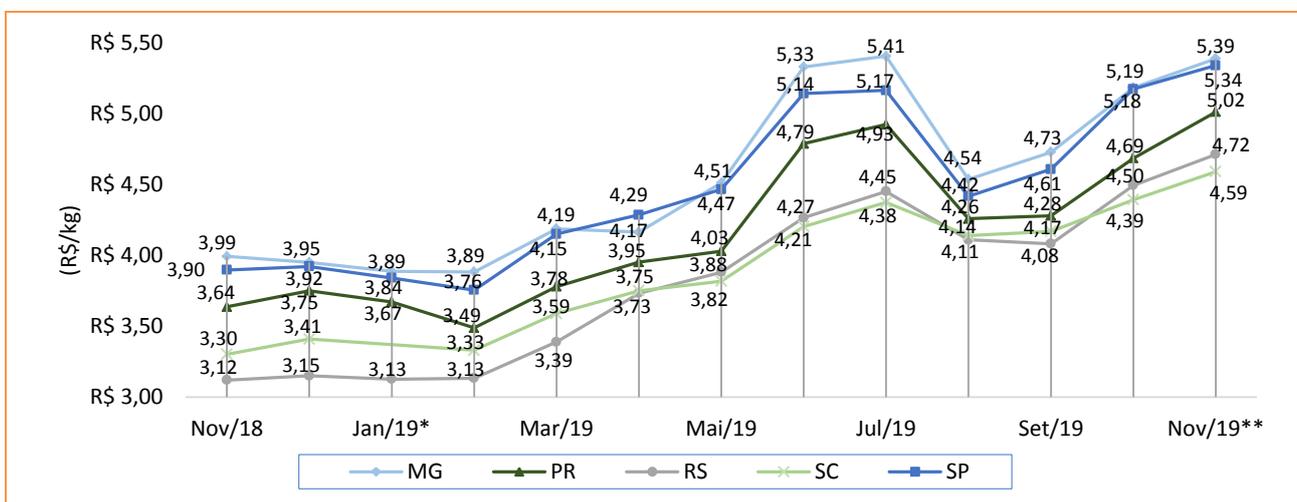


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço pago nos principais estados produtores (R\$/kg)

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1º a 14/nov./2019.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Assim como já havia sido observado em outubro, nas primeiras semanas de novembro os preços voltaram a registrar altas consistentes em Chapecó, praça de referência para os suínos vivos em Santa Catarina. O preço ao produtor independente subiu 2,82%, enquanto o preço pago ao integrado apresentou alta de 2,63%. Na comparação com novembro de 2018, as diferenças são bastante expressivas: aumento de

44,08% para os produtores independentes e 39,61% para os integrados.

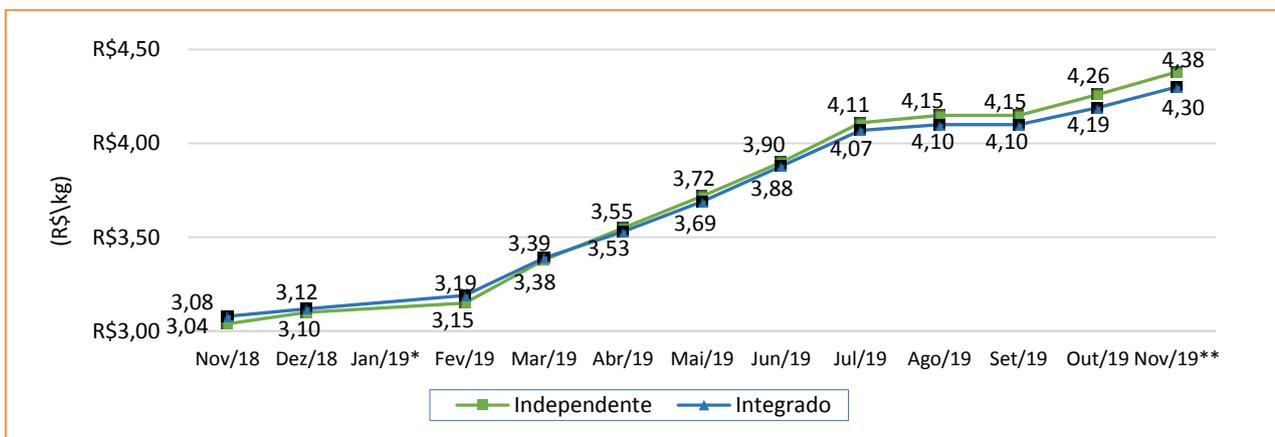


Figura 3. Suíno vivo – Santa Catarina: preço médio mensal para produtor independente e produtor integrado na praça de Chapecó

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1º a 14/nov./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Nas primeiras semanas de novembro, os preços de atacado da carne suína apresentaram movimentos distintos, de acordo com o tipo de corte. Dos cinco cortes acompanhados pela Epagri/Cepa, três apresentaram variações positivas nos preços preliminares do corrente mês, na comparação com outubro: pernil (9,17%), carcaça (4,91%) e lombo (1,81%). Por outro lado, o carré e a costela apresentaram variações negativas: -1,46% e -2,74%, respectivamente. A variação média dos cinco cortes é de 2,34%. A perspectiva é de que predomine o movimento de alta nas próximas semanas, tanto em função da provável retomada do fluxo de exportações, quanto do aumento da demanda de carnes decorrente das festividades de final de ano, que faz com que os varejistas ampliem seus estoques nas semanas antecedentes.

Em relação aos preços de novembro de 2018, verificam-se resultados positivos em todos os casos: carcaça (28,88%), pernil (25,13%), costela (21,22%), carré (16,47%) e lombo (14,07%). Na média, a variação foi de 21,16% nesse período.

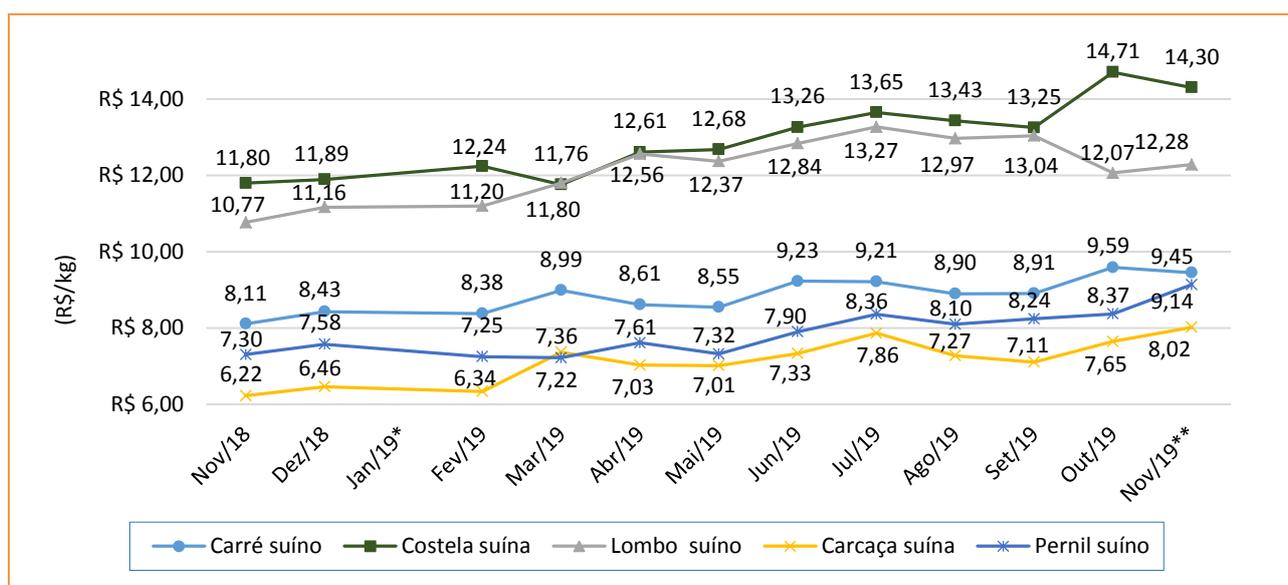


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual de diversos cortes suínos no atacado

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1º a 14/nov./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Custos

Em novembro, os preços dos leitões mantiveram o movimento de alta registrado desde junho de 2018: o preço preliminar dos leitões de 6 a 10kg registrou alta de 2,64% em relação a outubro, enquanto os leitões na faixa dos 22kg tiveram variação de 2,19% no mesmo período. Na comparação com as médias de novembro de 2018, verificam-se variações de 37,97% para os leitões de 6 a 10kg e de 37,83% para os leitões na faixa dos 22kg.

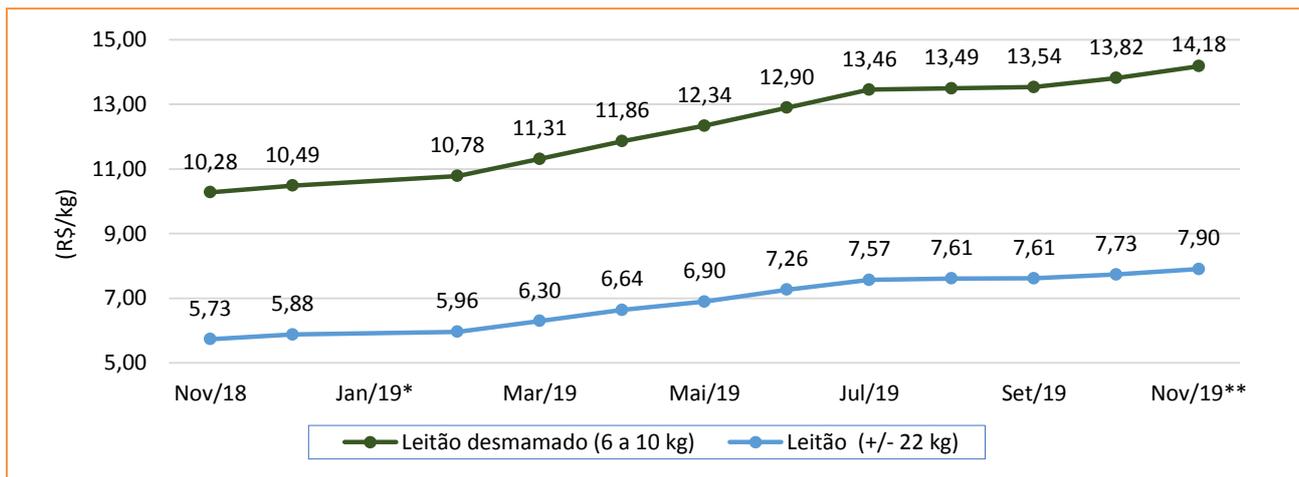


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.
 ** Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1º a 14/nov./2019.
 Fonte: Epagri/Cepa.

Depois da alta de outubro (5,73%), nas primeiras semanas de novembro a relação de equivalência insumo-produto voltou a apresentar queda, embora pouco expressiva: -0,38% na comparação com o mês anterior. Esse resultado deve-se principalmente à alta no preço dos suínos vivos na região de Chapecó (2,72%), que foi superior à elevação do preço do milho na mesma praça (2,33%). O valor atual da relação de equivalência é 25,80% inferior àquele registrado em novembro de 2018.

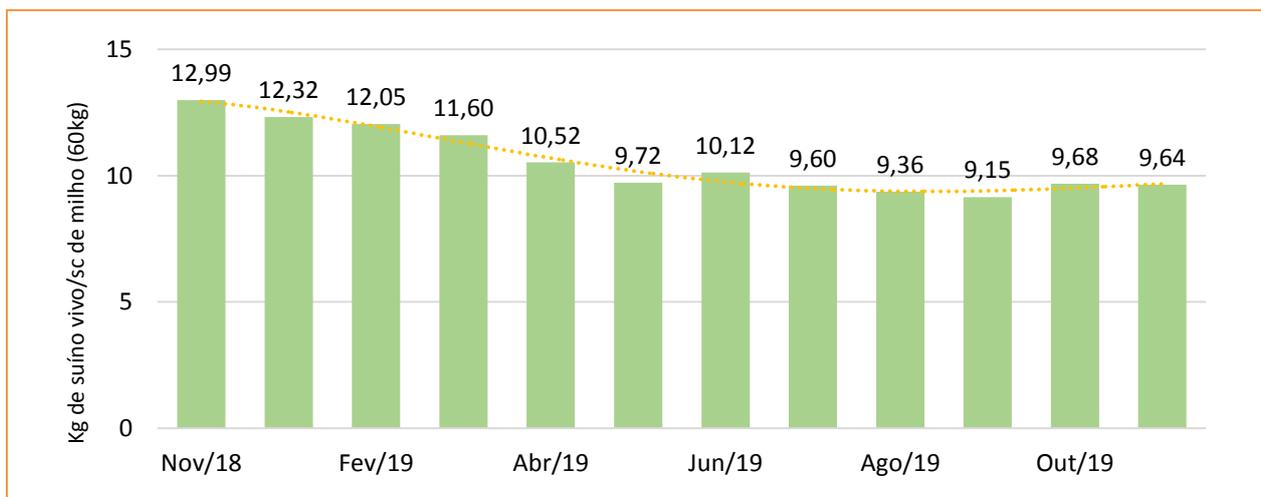


Figura 6. Chapecó/SC – Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir uma saca de milho (60kg)

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

* O valor de novembro é preliminar, relativo ao período de 1º a 14/nov./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Em outubro, o Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, apresentou alta de 2,17% em relação ao mês anterior, principalmente por conta da elevação dos custos com nutrição (2,08%). Nos últimos 12 meses, o ICPSuíno registra leve queda de 0,15%.

Comércio exterior

Em outubro, o Brasil exportou **67,11 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), alta de **17,68%** em relação a setembro e de **8,86%** na comparação com outubro de 2018.

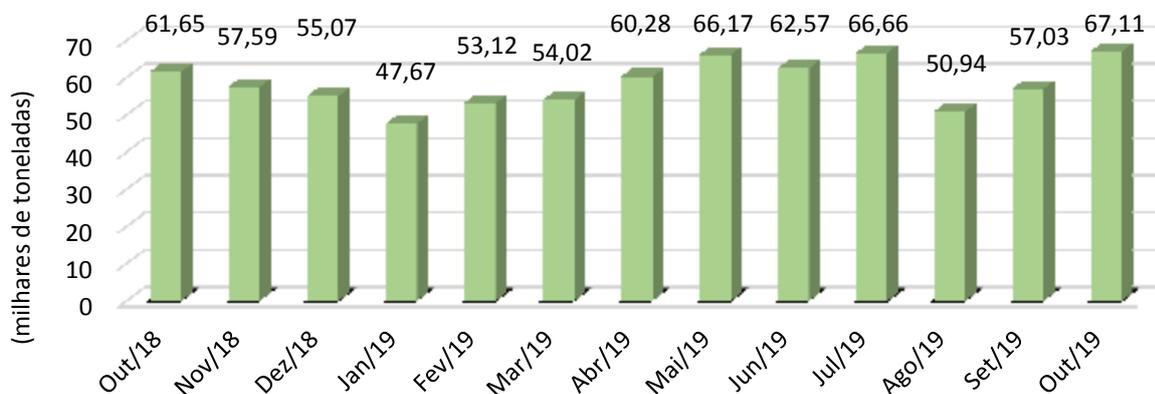


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada

Fonte: Comex Stat.

As receitas de outubro foram de **US\$148,51 milhões**, crescimento de **20,30%** em relação ao mês anterior e de **38,49%** na comparação com outubro de 2018.

De janeiro a outubro, o Brasil exportou **585,55 mil toneladas** de carne suína, **12,01%** a mais que no mesmo período de 2018, com receitas de **US\$1,23 bilhão**, aumento de **24,83%** em relação ao ano anterior.

O bom desempenho das exportações brasileiras de carne suína deve-se principalmente às vendas para a Ásia, em especial a China. No acumulado do ano, os chineses importaram 38,69% mais carne suína do Brasil do que no mesmo período do ano anterior. Em termos de valor, a alta é de 67,47%. Cerca de 54% de todos os embarques desse produto no ano tiveram como destino China e Hong Kong. A perspectiva é de que a demanda chinesa siga crescendo nos próximos meses. Alguns analistas afirmam que as importações de carne suína da China chegarão ao topo apenas em 2022, quando então passariam a declinar, em função da recuperação da produção interna.

Segundo relatório semanal da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME), até a segunda semana de novembro (6 dias úteis), a média diária de embarques de carne suína *in natura* apresentou queda em relação a outubro: -3,60% em valor e -3,30% em quantidade. Na comparação com as médias diárias de novembro de 2018, registra-se queda de 3,76% em termos de quantidade, mas alta de

22,47% em valor, o que é decorrente da elevação do preço da tonelada dessa proteína animal no período.

Santa Catarina exportou **31,45 mil** toneladas de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em outubro, **queda de 4,74%** em relação ao mês anterior e de **15,84%** na comparação com outubro de 2018.

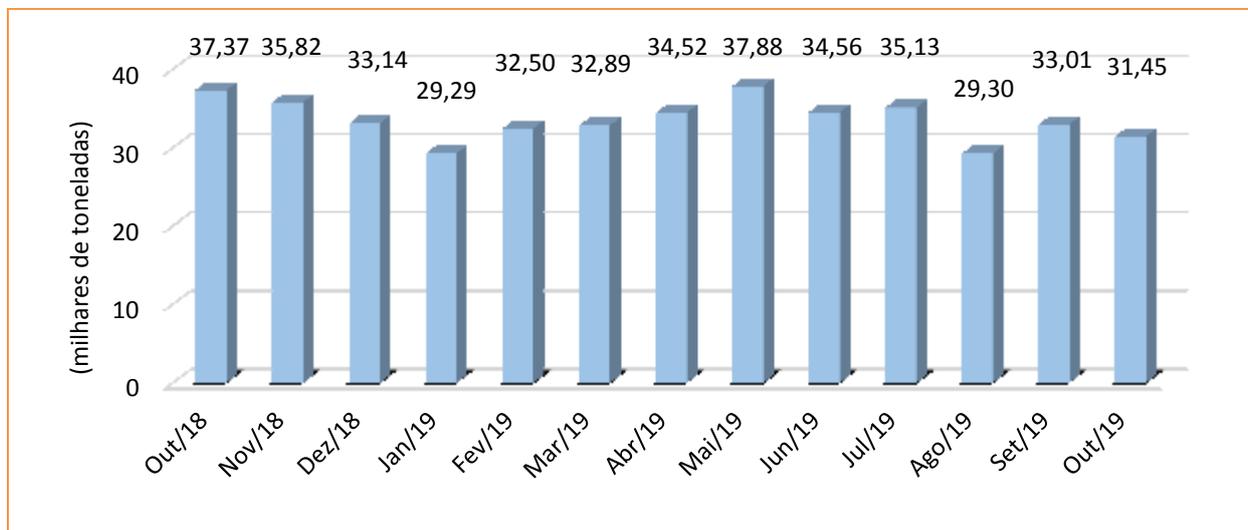


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada

Fonte: Comex Stat.

O faturamento de outubro foi de **US\$67,64 milhões**, queda de **6,50%** em relação a setembro, mas alta de **8,65%** na comparação com outubro de 2018.

Não obstante os números negativos de Santa Catarina, outros importantes exportadores, como Paraná e Rio Grande do Sul, registraram crescimentos significativos nas exportações no mês passado. A queda no volume exportado por Santa Catarina em outubro deve-se, dentre outras coisas, a problemas nos trâmites burocráticos que retardaram o embarque dos produtos. Representantes do setor consultados acreditam que tais problemas já foram solucionados e esperam que o fluxo se normalize a partir de novembro.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em outubro foi de US\$2.255,36/tonelada, queda de 0,73% em relação a setembro, mas alta de 28,64% quando comparado a outubro de 2018.

De janeiro a outubro, Santa Catarina exportou **330,53 mil** toneladas de carne suína, aumento de **13,57%** em relação ao mesmo período de 2018, com faturamento de **US\$670,39 milhões**, alta de **26,30%** na comparação com o ano anterior. Santa Catarina foi responsável por **54,69%** das receitas e **56,45%** da quantidade de carne suína exportada pelo Brasil este ano.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína em 2019, listados na Tabela 1, foram responsáveis por 77,19% das receitas e 74,45% da quantidade embarcada.

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	302.108.481,00	139.290
Hong Kong	85.482.472,00	49.715
Chile	79.324.854,00	36.708
Argentina	27.903.421,00	11.736
Rússia	22.680.858,00	8.627

Demais países	152.890.125,00	84.458
Total	670.390.211,00	330.534

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos da carne suína catarinense, três registram variações negativas no acumulado deste ano, quando comparados ao mesmo período de 2018: Hong Kong (-8,32% em valor e -6,91% em quantidade), Argentina (-27,98% e -30,80%) e Cingapura (-26,78% e -33,77%).

Dentre os demais destinos, destacam-se as altas registradas nas exportações catarinenses para China (66,24% em valor e 46,30% em quantidade), Chile (46,13% e 37,97%), Uruguai (35,39% e 33,65%) e Japão (230,23% e 215,93%). Também merece menção o crescimento das exportações para Vietnã (168,31% em valor e 187,89% em quantidade) e Coreia do Sul (588,52% e 497,53%), além da retomada dos embarques para a Rússia, que já é o 5º principal destino.

Como havia sido informado na edição anterior do Boletim Agropecuário, no início de novembro o governo chinês oficializou a habilitação de sete frigoríficos catarinenses para exportar subprodutos de carcaças suínas para aquele país. As plantas habilitadas são: Seara, de Itapiranga; Aurora, de Chapecó; Pamplona, de Presidente Getúlio; Aurora, de Joaçaba; Seara, de São Miguel do Oeste; Pamplona, de Rio do Sul; e BRF, de Campos Novos. Segundo o Sindicato das Indústrias de Carne e Derivados do Estado (Sindicarnes-SC), a expectativa é que sejam exportadas até 7 mil toneladas mensais de subprodutos de carne suína, com faturamento de US\$15 milhões por mês para Santa Catarina. Em 2018, as agroindústrias instaladas em Santa Catarina faturaram cerca de US\$41,5 milhões com a exportação de 41 mil toneladas de miudezas de carne suína.

Em meados de novembro, a China habilitou cinco novas plantas frigoríficas brasileiras a exportarem carne suína para aquele país, todas localizadas no Rio Grande do Sul.

Peste suína africana (PSA)

Segundo o mais recente relatório divulgado pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), desde agosto de 2018 já foram detectados mais de 500 focos de PSA em dez países asiáticos (Camboja, China, Coreia do Norte, Coreia do Sul, Filipinas, Laos, Mongólia, Myanmar, Timor Leste e Vietnã), resultando na eliminação de mais de 7,1 milhões de suínos por causa do surto da doença que atinge o continente. Os dados da FAO divergem das estimativas de analistas de mercado, pois contabilizam somente os números divulgados pelos órgãos oficiais de cada país. Em relação aos dados apresentados no boletim anterior, houve registro de cerca de 30 novos focos e aumentou em 430 mil o número de animais mortos ou sacrificados em decorrência da doença.

Recentemente, a FAO também divulgou novas estimativas sobre os impactos dos surtos de PSA na Ásia na produção de carne suína da região e do mundo. De acordo com as novas projeções, a produção da China deverá cair pelo menos 20% em 2019. Em maio, a organização projetava queda de 10%. A produção global, por sua vez, deve cair cerca de 8,5% neste ano, estima a FAO.

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Preços

No dia 24/10 aconteceu mais uma das reuniões mensais do Conseleite/SC e não houve surpresa. O preço de referência para o leite padrão⁹ de setembro (R\$1,1767/l) ficou praticamente idêntico ao que havia sido projetado na reunião anterior (R\$1,1792/l), e o preço projetado para outubro (R\$1,1479/l) decresceu em relação ao valor do mês anterior. Com isto, outubro foi também o quinto mês consecutivo em que o valor de 2019 ficou menor que o do mesmo mês de 2018. A única surpresa dos meses recentes foi a recuperação do preço referência de agosto em relação ao de julho. (Tabela 1).

Tabela 1. Leite padrão – Preços de referência do Conseleite de Santa Catarina – 2016-19

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso				Variação (%) 2018-19
	2016	2017	2018	2019	
Janeiro	0,9546	1,0783	0,9695	1,1659	20,3
Fevereiro	1,0154	1,1096	1,0128	1,2309	21,5
Março	1,0652	1,1412	1,0857	1,1957	10,1
Abril	1,1166	1,1693	1,1295	1,2185	7,9
Mai	1,1430	1,1733	1,1522	1,2535	8,8
Junho	1,3363	1,1394	1,3454	1,2036	-10,5
Julho	1,5500	1,0617	1,4050	1,1560	-17,7
Agosto	1,3248	1,0189	1,2997	1,1918	-8,3
Setembro	1,1051	0,9374	1,2582	1,1767	-6,5
Outubro	1,0461	0,9550	1,2351	1,1479	-7,1
Média até outubro	1,1657	1,0784	1,1893	1,1941	0,4
Novembro	0,9993	0,9977	1,1358		
Dezembro	1,0333	0,9788	1,1228		
Média anual	1,1408	1,0634	1,1793		

Outubro/2019: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.

Na sua reunião de outubro, o Conseleite/PR aprovou alterações de parâmetros utilizados para a composição dos valores de referência do leite. Com isto, até dezembro serão divulgados dois preços de referência para o “leite padrão”¹⁰, com e sem essas alterações de parâmetros. Tanto em um quanto em outro caso, a queda de valores é mais discreta que a do Conseleite/SC. Sem as alterações, o preço final de setembro ficou em R\$1,0687/l e o projetado para outubro em R\$1,0639/l). Com as alterações, o preço final de setembro ficou em R\$1,2027/l e o projetado para outubro em R\$1,2015/l. No Conseleite/RS o decréscimo foi ainda mais significativo do que o catarinense, o valor final de setembro foi R\$1,0991/l e o projetado de outubro R\$1,0609/l.

⁹ “Leite padrão”: 3,50 a 3,59% de gordura, 3,11 a 3,15% de proteína, 450 a 499 mil células somáticas/ml e 251 a 300 mil ufc/ml de contagem bacteriana.

¹⁰ “Leite Padrão”: leite que contém 3,50% de gordura, 3,10% de proteína, 500 mil células somáticas/ml e 300 mil ufc/ml de contagem bacteriana.

Pelos levantamentos da Epagri/Cepa, nos meses recentes, o preço médio aos produtores catarinenses tem ficado acima dos valores do Conceleite/SC. Os levantamentos sobre os valores recebidos neste mês de novembro ainda não estão finalizados em todas as regiões produtoras, o que impede o cálculo do preço médio estadual. A perspectiva é de que fique acima do R\$1,1479/l projetado para outubro pelo Conceleite/SC, mas abaixo do R\$1,20/l, que foi o preço médio tanto de setembro quanto de outubro (Tabela 2). A expectativa é de nova queda no preço que os produtores receberão em dezembro.

Tabela 2. Leite – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ aos produtores – 2016-19					
Mês	R\$/l posto na propriedade				Varição (%)
	2016	2017	2018	2019	2018-19
Janeiro	0,91	1,10	0,94	1,10	17,0
Fevereiro	0,95	1,20	0,94	1,17	24,5
Março	1,02	1,25	0,96	1,26	31,3
Abril	1,07	1,28	1,01	1,28	26,7
Maio	1,11	1,29	1,09	1,33	22,0
Junho	1,19	1,29	1,14	1,33	16,7
Julho	1,29	1,25	1,30	1,23	-5,4
Agosto	1,52	1,13	1,35	1,19	-11,9
Setembro	1,41	0,99	1,31	1,20	-8,4
Outubro	1,24	0,91	1,28	1,20	-6,3
Média até outubro	1,17	1,17	1,13	1,23	8,6
Novembro	1,10	0,92	1,24		
Dezembro	1,08	0,95	1,11		
Média anual	1,16	1,13	1,14		

⁽¹⁾Preço médio mais comum, das principais regiões produtoras, no período de pagamento.

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção

No dia 12/11 o IBGE divulgou dados preliminares de âmbito nacional da sua Pesquisa Trimestral do Leite, relativos aos meses do terceiro trimestre de 2019. No acumulado de janeiro a setembro de 2019, a quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas cresceu 3,4% em relação ao mesmo período de 2018. É um percentual pouco significativo, na medida em que boa parte dele se explica pelos crescimentos de maio e junho (13,2% e 5,2%, respectivamente), meses nos quais a quantidade de 2018 foi comprometida por conta das paralisações dos caminhoneiros. O crescimento de apenas 0,8% em relação à quantidade adquirida de janeiro a setembro de 2014 é ainda mais ilustrativo do discreto desempenho da produção leiteira brasileira de 2019 (Tabela 3).

Tabela 3. Leite cru – Brasil: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas – 2014-19

Mês	Bilhão de litros						Var. %	
	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2018-19	2014-19
Janeiro	2,229	2,208	2,072	2,101	2,161	2,213	2,4	-0,7
Fevereiro	1,922	1,900	1,892	1,833	1,890	1,936	2,4	0,7
Março	2,038	2,028	1,898	1,928	1,968	2,065	4,9	1,3
Abril	1,911	1,851	1,749	1,812	1,873	1,921	2,6	0,5
Mai	1,948	1,886	1,742	1,907	1,734	1,964	13,3	0,8
Junho	1,939	1,908	1,728	1,929	1,872	1,969	5,2	1,5
Julho	2,018	1,985	1,897	2,058	2,036	2,078	2,1	3,0
Agosto	2,124	2,018	1,989	2,118	2,120	2,132	0,6	0,4
Setembro	2,085	1,988	1,963	2,103	2,100	2,080	-1,0	-0,2
Até setembro	18,214	17,772	16,930	17,789	17,754	18,358	3,4	0,8
Outubro	2,119	2,074	2,048	2,141	2,222			
Novembro	2,152	2,066	2,052	2,154	2,210			
Dezembro	2,262	2,151	2,140	2,250	2,271			
Total anual	24,747	24,063	23,170	24,334	24,458			

2018 e 2019 - Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite

Balança comercial

Em relação à balança comercial de lácteos, a comparação do acumulado de janeiro a outubro mostra que de 2018 para 2019 houve crescimento das exportações e redução das importações, o que significou reduções de 16,6% e 5,1% no saldo negativo em relação aos mesmos períodos de 2017 e 2018, respectivamente (Tabela 4). Isto não deixa de ser mais um indicativo de que os baixos preços internos estão mais relacionados à fraca demanda do que ao aumento de oferta.

Tabela 4. Balança comercial brasileira de lácteos – 2017-2019

Mês	Toneladas								
	Importações			Exportações			Saldo		
	2017	2018	2019	2017	2018	2019	2017	2018	2019
Janeiro	18.960	8.366	13.649	3.897	2.068	1.691	-15.063	-6.298	-11.958
Fevereiro	16.312	10.332	16.046	3.594	2.263	2.329	-12.718	-8.069	-13.717
Março	15.467	9.029	10.689	4.620	2.228	2.897	-10.847	-6.801	-7.792
Abril	13.536	11.965	10.864	1.609	1.343	1.661	-11.927	-10.622	-9.203
Mai	17.700	13.418	13.729	2.260	712	1.953	-15.440	-12.706	-11.776
Junho	17.338	11.077	10.954	3.596	1.042	1.489	-13.742	-10.035	-9.465
Julho	16.027	13.848	9.949	2.326	1.127	1.749	-13.701	-12.721	-8.200
Agosto	13.472	13.266	9.858	2.866	2.018	1.844	-10.606	-11.248	-8.014
Setembro	10.400	11.863	12.759	2.493	2.653	1.878	-7.907	-9.210	-10.881
Outubro	8.968	18.471	9.777	2.252	1.919	1.829	-6.716	-16.552	-7.948
Até outubro	148.180	121.635	118.274	29.513	17.373	19.320	-118.667	-104.262	-98.954
Novembro	9.093	17.919		4.336	2.207		-4.757	-15.712	
Dezembro	9.057	10.285		2.191	2.664		-6.866	-7.621	
Total	166.330	149.839		36.040	22.244		-130.290	-127.595	

Fonte: MDIC/SECEX – Comex Stat.